

Rede Trans Brasil

**DOSSIÊ:
A GEOGRAFIA
DOS CORPOS
DAS PESSOAS
TRANS**

Sayonara Naider Bonfim Nogueira
Tathiane Araújo Aquino
Euclides Afonso Cabral

Brasil, 2017

Rede Trans Brasil

**DOSSIÊ:
A GEOGRAFIA
DOS CORPOS
DAS PESSOAS
TRANS**

Sayonara Naider Bonfim Nogueira
Tathiane Araújo Aquino
Euclides Afonso Cabral

Brasil, 2017

Dossiê: A Geografia dos Corpos das Pessoas Trans

por Sayonara Naider Bonfin Nogueira, Tathiane Araújo Aquino e Euclides Afonso Cabral



Copyright 2017 por Sayonara Nogueira e Rede Trans Brasil

Permitida a reprodução total ou parcial desta publicação desde que citadas as fontes.

LISTA DE SIGLAS

ATRAC	Associação de Travestis do Ceará
CNCD	Conselho Nacional de Combate a Discriminação
EJA	Educação para Jovens e Adultos
EUA	Estados Unidos da América
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ILGA	Associação Internacional de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Transexuais e Intersexuais (do inglês, <i>International Lesbian, Gay, Bisexual, Trans and Intersex Association</i>)
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
LGBT	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros
LGBTQI	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros, Queer e Intersexos
ONG	Organização Não Governamental
OMS	Organização Mundial de Saúde
STF	Supremo Tribunal Federal
TDoR	Dia da Memória Trans (do inglês, <i>Transgender Day of Remembrance</i>)
TGEU	<i>Transgender Europe</i>
TMM	Observatório de Pessoas Trans Assassinadas (do inglês, <i>Trans Murder Monitoring</i>)
TvT	Transrespeito versus Transfobia no Mundo (do inglês, <i>Transrespect versus Transphobia Worldwide</i>)

SUMÁRIO

LISTA DE SIGLAS	2
SUMÁRIO	3
1. INTRODUÇÃO	4
2. APRESENTAÇÃO DO SITE	6
3. ORIENTAÇÃO SEXUAL E IDENTIDADE DE GÊNERO	12
3.1. TRAVESTIS, TRANSEXUAIS, HOMENS TRANS E TRANSGÊNEROS	12
3.2. O USO DO X PARA DESCREVER AS VARIAÇÕES DE GÊNERO	15
4. HISTÓRIAS DE SILENCIAMENTO	18
4.1. TRAVESTIS NA DITADURA MILITAR	18
4.2. DA NEGAÇÃO DA IDENTIDADE DE GÊNERO NA IMPRENSA BRASILEIRA	22
5. TRAVESTIS NO LIMBO	29
5.1. A INCIDÊNCIA DO SUICÍDIO NA POPULAÇÃO TRANS	29
5.2. OS CASOS DE SILICONE INDUSTRIAL	32
5.3. VIOLAÇÕES DE DIREITOS HUMANOS	37
5.4. AS TENTATIVAS DE HOMICÍDIO	41
6. BRASIL: O PAÍS QUE MAIS MATA PESSOAS TRAVESTIS E TRANSEXUAIS NO MUNDO ..	47
6.1. A CARTOGRAFIA DOS CORPOS DAS PESSOAS TRANS	47
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	69

1. INTRODUÇÃO

São ainda incipientes os estudos e pesquisas relacionados ao universo das pessoas trans no Brasil cujo foco seja compreender de forma mais profunda a realidade dessa população ainda tão discriminada e excluída da nossa sociedade.

Ainda que a Constituição Federal de 1988 traga o conceito de cidadania ampliada, as pessoas trans ainda são alijadas de seus direitos e de uma perspectiva de vida com qualidade, dignidade, respeito, e segurança, o que resulta na marginalização social e na violência psicológica, moral e física.

“O Brasil vive ultimamente um movimento paradigmático em relação aos direitos humanos da população [trans]. Se por um lado conquistam-se direitos historicamente protegidos por uma elite [cis]heteronormativa e se aprofunda o debate público sobre a existência de outras formas de ser e se relacionar, por outro se assiste a aterradora reação dessa mesma elite em sua vontade de perpetuar o alijamento desses sujeitxs e seus afetos” (BRASIL, 2012).

As pessoas trans compõem um grupo muito vitimizado no país. O risco de uma pessoa travesti, transexual ou transgênero ser assassinada é 14 vezes maior que o de um homem cis gay, e a chance dessa morte ser violenta é 9 vezes maior. Segundo agências internacionais, quase metade dos homicídios contra pessoas trans do mundo ocorre no Brasil.

No entanto, o número de ocorrências desse tipo pode ser ainda maior, devido ao elevado índice de subnotificação. Sabendo-se que existem muitos casos não noticiados ou nos quais as vítimas são registradas de forma errônea como “homem” ou “homossexual”

Assim, ainda não é conhecido o número exato de pessoas trans que sofrem a violação dos seus Direitos Humanos. Centenas de travestis morrem por ano vítimas do uso de silicone industrial ou por problemas causados pelo uso indiscriminado de hormônios. Mesmo com alguns

avanços na área de saúde integral para pessoas trans, ainda são escassos os hospitais que atendem essa população.

Muitas pessoas travestis, transexuais e transgênero deixam o Brasil em busca de uma vida estável na Europa. No Brasil, é comum que pessoas trans sejam alijadas do mercado de trabalho, excluídas do espaço escolar desde as séries iniciais e expulsas de casa ainda na infância. Muitas não possuem nem documentos de registro e são enterradas como indigentes, o que mostra o desrespeito a essa população até mesmo na hora da morte.

Socialmente existem todas aquelas perversidades cotidianas que são impostas por aqueles indivíduos que se recusam a tratar-nos de acordo com a nossa identidade de gênero. Na morte, muitas vezes são enterradas pelas amigas ou como indigentes, porque as famílias não clamam o corpo. A esse ser humano é recusado, desde o seu nascimento até o fim da sua vida, o direito de ser elx mesmx.

As histórias de exclusão social e discriminação são reafirmadas por meio de discursos sobre a violência e o desprezo social que sofremos todos os dias. Na fala dessa pessoas trans, observa-se um sentimento de aflição resultantes dos confrontos e enfrentamentos rotineiros e da não aceitação da sociedade, que podem levar até ao suicídio.

Deste modo, é imprescindível refletir acerca da conjuntura vivenciada pelas pessoas que fazem parte desse segmento da sociedade que abandona e marginaliza xs que irrompem com os padrões heterocisnormativos. A maior parte da população trans no país vive em condições de miséria e exclusão social, sem acesso à educação, saúde, qualificação profissional, oportunidade de inclusão no mercado de trabalho formal e políticas públicas que considerem suas demandas específicas.

Sayonara N. B. Nogueira

Professora de Geografia

Especialista em Educação Inclusiva e Coordenação Pedagógica

Técnica em Políticas Públicas de Gênero e Raça

Secretária de Comunicação da Rede Trans Brasil

Membro do Comitê Regional da *Transgender Europe*

2. APRESENTAÇÃO DO SITE

O grau de invisibilidade social das pessoas travestis e transexuais no Brasil é tão grande que não existem censos do IBGE ou estudos do IPEA que possam mapear esse segmento pelo país para poder fomentar políticas de Direitos Humanos, no combate à violência e na criação de Políticas Públicas de Estado para atender as nossas demandas.

A transfobia traz um caráter multifacetado, que compreende muito mais do que as violências tipificadas pelo código penal. A transfobia pode ser entendida como o preconceito ou discriminação e demais violências daí decorrentes contra pessoas em função de sua identidade de gênero presumidas. Infelizmente, são pouquíssimas as pessoas transexuais e travestis que conseguem passar dos 35 anos de idade e envelhecer. Quando não são assassinadxs, geralmente acontece alguma outra fatalidade relacionada ao uso indiscriminado de hormônios e silicone industrial.

Com formação em Geografia, percebia que os alunos tinham certa dificuldade com o conteúdo referente à Cartografia, e como sou uma professora protagonista do meu próprio movimento sempre trabalhei as questões sociais com meus alunos, tanto do Ensino Fundamental como do Médio.

Em 2012, na tentativa de mudar o método para trabalhar a cartografia na sala de aula, iniciei com os alunos um projeto denominado **CARTOGRAFIA DA RESISTÊNCIA**, que é uma cartografia social, vinculada aos campos de conhecimento das ciências sociais e humanas e, mais que um mapeamento físico, trata de movimentos, relações, jogos de poder, enfrentamentos entre forças, lutas, jogos de verdade, enunciações, modos de objetivação, de subjetivação, de estetização de si mesmo, práticas de resistência e de liberdade.

O primeiro trabalho que desenvolvemos na sala referia-se ao número de assassinatos de pessoas LGBT no Brasil, a partir desses números xs alunxs construíam gráficos demonstrando o índice de lésbicas, gays e travestis e transexuais assassinados, e construíam mapas mostrando esse número por estados e regiões.

Essa pesquisa era feita por meio de sites de organizações já existentes e sempre citadas como fontes em relação aos casos de homolesbotransfobia. E como foi um trabalho bem desenvolvido, ele foi continuado por muitos anos, ao longo dos quais, percebeu-se que, equivocadamente, mulheres trans e homens trans eram definidos como gays e lésbicas, ou seja, as informações colaboravam para a subnotificação dos casos de pessoas trans e aumentavam o número de casos de assassinatos de gays e lésbicas no relatório final.

No final de 2015, durante o Fórum Social em Porto Alegre (RS) e em reunião com a presidenta da Rede Trans Brasil, Tathiane Araújo, e a vice-presidenta, Marcellly Malta, surgiu a ideia de construirmos um site com notificação de violação dos direitos humanos somente de pessoas travestis e transexuais já que são registrados apenas os assassinatos dessas pessoas

Para a realização da pesquisa utilizamos como fonte duas bases de dados: o Google Notícias e as páginas de plantões policiais. As palavras-chaves utilizadas para a busca são: “Travesti” – “Transexual” – “Morte” – “Assassinato” – “Agressão” e mais a data do dia da busca. No início percebemos que, ao se buscar por substantivos, adjetivos e pronomes no gênero feminino, não se encontravam notícias, mas sim quando se buscava com a inclusão do artigo “o”. O número de notícias era ainda maior quando se utilizava termos como “traveco” e “homem encontrado com vestimentas de mulher”, o que demonstra a forma pejorativa com que o segmento é tratado pela mídia.

Percebeu-se ainda que, quando se buscava pelo termo “transexual”, apareciam muitas notícias relacionadas a pessoas transexuais que terminaram algum curso acadêmico, que constituíram família, que fizeram cirurgias ou trabalhavam com moda. Por outro lado, quando se busca pelo termo “travesti”, as notícias estavam, em sua maioria, relacionadas à prostituição, vídeos pornográficos, agressões e morte.

Infelizmente, não são todos os órgãos de comunicação que publicam esse tipo de matéria, e quando publicam, fazem de forma transfóbica, coisificando, vulgarizando e marginalizando as pessoas travestis e transexuais. Na maior parte das reportagens sobre casos de assassinatos de pessoas trans, seus nomes sociais e gêneros são desrespeitados.

Ainda para a execução do projeto, convidamos o pedagogo Euclides Afonso Cabral, graduado pela Universidade Federal de Uberlândia, para auxiliar na construção dos gráficos,

tabelas e mapas. A construção do site proporcionou também a parceria com a rede trans europeia *Transgender Europe*, à qual enviamos todos os meses a relação dos assassinatos ocorridos no país. Tivemos ainda a oportunidade participar de dois treinamentos, sendo o primeiro em Bologna, na Itália, em junho de 2016, e em Bangkok, na Tailândia, em novembro do mesmo ano.

O Observatório de Pessoas Trans Assassinadas do projeto *Transrespeito versus Transfobia no Mundo (TvT)* do TGEU monitora, coleta e analisa sistematicamente relatórios de homicídios de pessoas trans e/ou gênero-diversas em todo o mundo. Os relatórios fornecem informações contextuais sobre o monitoramento e relato de assassinatos de pessoas trans e/ou gênero-diversas e resumem os resultados. As tabelas apresentam estatísticas sobre a região do mundo, país, data, localização e causa de morte, idade e profissão das vítimas.

A equipe de pesquisa do TvT atualiza e avalia regularmente os resultados em ordem cronológica, começando com a atualização mais recente. A situação no Brasil é especialmente preocupante, com 40% dos casos desde janeiro de 2008, e 42% dos casos em 2016 até agora em todo o mundo.

*“Um dos fatores que contribuem para o aumento do já elevado número de pessoas trans e gênero-diversas assassinadas no país é a recente cooperação entre a TGEU e a Rede Trans Brasil. Este permite um esforço conjunto para monitorar e reportar de forma mais completa e profissional a violência contra pessoas trans e gênero-diversas”
(Lukas Berredo, TGEU, 2016).*



Primeiro Treinamento em Bologna, Itália, com participantes da Uganda, Brasil, África do Sul, Tailândia, Alemanha e Paquistão.



Segundo treinamento em Bangkok, Tailândia, durante a Conferência Mundial da ILGA 2016, com ativistas trans da Ásia, Europa, África e América Latina.



Start inicial para a execução do projeto no Fórum Social 2016 em Porto Alegre.
Da esquerda para direita: secretária de comunicação Sayonara Nogueira, a presidente Tathiane Araújo e a vice-presidente Marcelly Malta da Rede Trans Brasil.



SAYONARA NOGUEIRA

Pesquisadora Principal
Licenciada em Geografia pela Universidade Federal de
Uberlândia
Especialista em Atendimento Educacional Especializado e
Coordenação Pedagógica
Técnica em Políticas Públicas de Gênero e Raça pela
Universidade Federal de Minas Gerais
Secretária de Comunicação da Rede Trans Brasil

sayonaratv@hotmail.com



TATHIANE ARAÚJO

Presidenta da Rede Trans Brasil
Presidenta da ONG ASTRA LGBT – Aracaju (SE)
Conselheira do Conselho Nacional de Combate a
Discriminação LGBT – CNCD/LGBT
Presidenta da Câmara Técnica de Violência do
CNCD/LGBT

redetransbrasil@gmail.com



EUCLIDES CABRAL

Graduando em Pedagogia pela Universidade Federal de
Uberlândia
Cursando Especialização em EJA – Educação para Jovens
e Adultos da Universidade Federal de Uberlândia.
Educador social
Pesquisador de Gênero
Secretário do Grupo União – Uberlândia – MG

euclides1233@hotmail.com

3. ORIENTAÇÃO SEXUAL E IDENTIDADE DE GÊNERO

3.1. TRAVESTIS, TRANSEXUAIS, HOMENS TRANS E TRANSGÊNEROS

Para definir as palavras abaixo utilizaremos o *e-book* de autoria de Jaqueline Gomes de Jesus, intitulado “Orientações sobre a população transgênero: conceitos e termos” e publicado em 2012.

Pessoas Trans

A transexualidade é uma questão de identidade. Não é uma doença mental, não é uma perversão sexual, nem é uma doença debilitante ou contagiosa. Não tem nada a ver com orientação sexual, como geralmente se pensa, não é uma escolha nem é um capricho. Uma parte das pessoas transexuais reconhece essa condição desde pequenas, outras tardiamente, pelas mais diferentes razões, em especial as sociais, como a repressão.

Uma mulher transexual é toda pessoa que reivindica o reconhecimento como mulher. Homem transexual é toda pessoa que reivindica o reconhecimento como homem. Ao contrário do que alguns pensam, o que determina a condição transexual é como as pessoas se identificam, e não um procedimento cirúrgico.

Cada pessoa transexual é tratada de acordo com o seu gênero: mulheres transexuais adotam nome, aparência e comportamentos femininos, querem e precisam ser tratadas como quaisquer outras mulheres. Homens transexuais adotam nome, aparência e comportamentos masculinos, querem e precisam ser tratados como quaisquer outros homens.

As Travestis

São travestis as pessoas que vivenciam papéis de gênero feminino, mas não se reconhecem como homens ou como mulheres, mas como membros de um terceiro gênero ou de um não-gênero. É importante ressaltar que travestis, independentemente de como se reconhecem, preferem ser tratadas no feminino, considerando insultuoso serem adjetivadas no masculino: as travestis, sim; os travestis, não.

Sexo designado ao nascer

Sexo designado ao nascer é a atribuição e classificação das pessoas com base em uma combinação de anatomia, hormônios e cromossomos. Embora estes conjuntos de características biológicas não sejam mutuamente exclusivos, já que existem gradientes na maneira em que se manifestam, na prática, é utilizado para estabelecer uma diferenciação dos seres humanos dentro de um sistema binário polarizado.

Expressão de Gênero, Identidade de Gênero e Papel de Gênero

A **expressão de gênero** é a forma como a pessoa se apresenta, sua aparência e seu comportamento, de acordo com expectativas sociais de aparência e comportamento de um determinado gênero. Depende da cultura em que a pessoa vive. **Identidade de gênero** é o gênero com o qual uma pessoa se identifica, que pode ou não concordar com o sexo que lhe foi designado ao nascer. **Papel de gênero** é o modo de agir em determinadas situações conforme o gênero atribuído e ensinado desde o nascimento. Construção sociocultural de diferenças entre homens e mulheres.

Cisgênero e Transgênero

Cisgênero é o conceito guarda-chuva que abrange as pessoas que se identificam com o gênero que lhes foi determinado quando de seu nascimento. **Transgênero** é o conceito guarda-chuva que abrange o grupo diversificado de pessoas que não se identificam, em graus diferentes, com comportamentos e/ou papéis esperados do gênero que lhes foi determinado quando de seu nascimento.

Intersexual

Pessoa cujo corpo varia do padrão de masculino ou feminino culturalmente estabelecido, no que se refere a configurações dos cromossomos, localização dos órgãos genitais, coexistência de tecidos testiculares e de ovários. A intersexualidade se refere a um conjunto amplo de variações dos corpos tidos como masculinos e femininos. O grupo composto por pessoas intersexuais tem-se mobilizado cada vez mais, a nível mundial, para que a intersexualidade não seja entendida como uma patologia, mas como uma variação, e para que não sejam submetidas, após o parto, a cirurgias ditas “reparadoras”, que as mutilam e moldam órgãos genitais que não necessariamente concordam com suas identidades de gênero ou orientações sexuais.

Orientação sexual

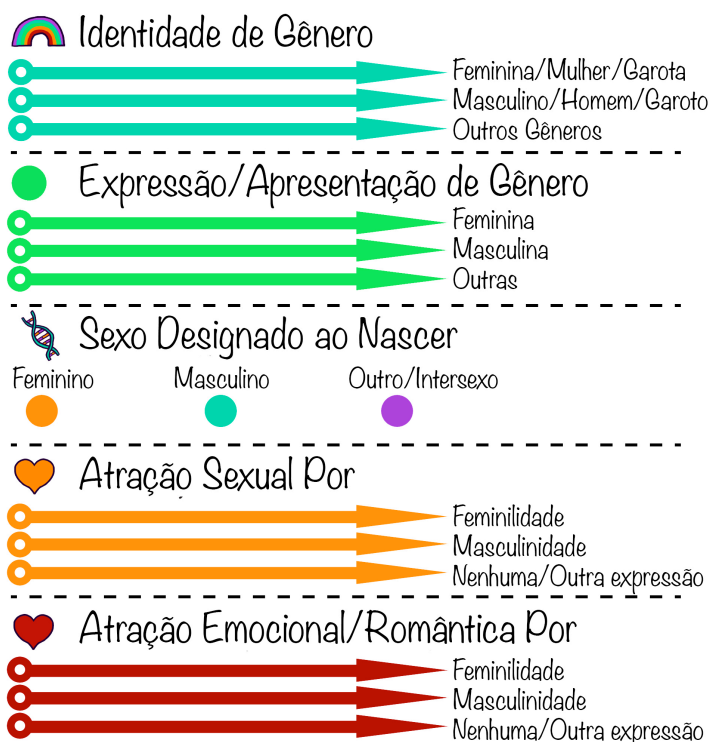
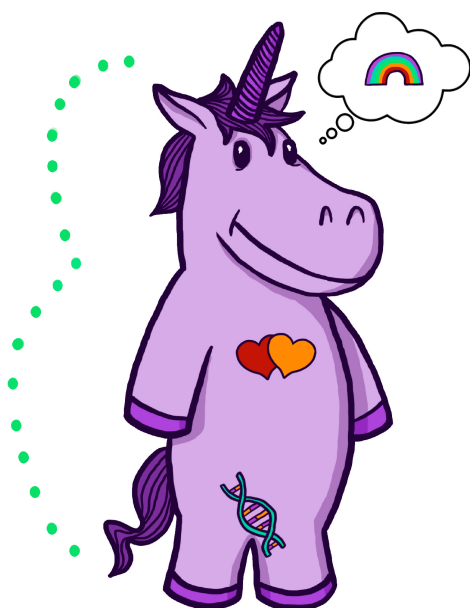
A **orientação sexual** é a atração afetivo-sexual por alguém. **Assexual:** pessoa que não sente atração sexual por pessoas de qualquer gênero. **Bissexual:** pessoa que se atrai afetivo-sexualmente por pessoas de qualquer gênero. **Heterossexual:** pessoa que se atrai afetivo-sexualmente por pessoas de gênero diferente daquele com o qual se identifica. **Homossexual:** pessoa que se atrai afetivo-sexualmente por pessoas de gênero igual àquele com o qual se identifica.

Identidade não-binária

Existem as identidades não-binárias, que não se sentem confortáveis em uma divisão entre gênero masculino e gênero feminino. Talvez não se importem com isso, talvez se sintam atraídas por pessoas independentemente de identidade de gênero. O que for. A isso, costuma-se denominar identidade não-binária.

O Unicórnio de Gênero

Gráfico por:
TSER
Trans Student Educational Resources



Para saber mais, vá até:
www.transstudent.org/gender

Design by Landyn Pan

A MELHOR MANEIRA DE SABER QUEM A PESSOA É E COMO SE REFERIR A ELA É PERGUNTANDO. SIMPLES.

3.2. O USO DO X PARA DESCREVER AS VARIAÇÕES DE GÊNERO

Euclides Afonso Cabral

Antes de discorrer sobre uma pequena letra, é importante dar uma olhada no desenvolvimento da capacidade do ser humano de falar e escrever. No decorrer das civilizações, seja as antigas ou atuais, ocidental ou oriental, a escrita teve um peso significativo, para não dizer fundamental na evolução humana em todos os sentidos religiosos, científicos, culturais, no prolongamento da vida, na capacidade de aprender e ensinar, entre outros. As origens da escrita atualmente são datadas por volta de 4000 a.C. Encontram-se sistemas simples que apareceram muito antes que os primeiros alfabetos, como desenhos demonstrando formas de diversos objetos, animais, humanos e também de eventos tais como a caça, de divindades, etc. Os alfabetos só apareceram dois milênios mais tarde.

Não se pode atribuir o aparecimento da escrita exclusiva e unicamente a uma sociedade. Em épocas diferentes, civilizações egípcias, chinesas e mesopotâmicas começaram a desenvolver seus sistemas de representação. Mas antes mesmo da escrita a troca de informações ou os ensinamentos/educação eram feitos por meio de versos, desenhos e músicas (MANACORDA, 2002). À medida que se aprende novas formas de ver o mundo, o ser humano desenvolve novas formas de falar e construir conhecimentos. É notório que quanto mais avançada a linguagem¹, mais avançada é a cultura desta determinada sociedade. Uma palavra muitas vezes pode fornecer diversas informações e compreensões do meio, e outras pode se resumir em apenas um determinado fato.

Em relação ao significado das palavras que definem no português o gênero humano em duas categorias, homem e mulher, estes foram moldadas de acordo com a inserção de culturas no decorrer da história, sofrendo variações de acordo com o local ou cultura. No inglês, pode-se dizer *man* (homem) e *woman* (mulher), no Alemão dizemos *Mann* e *Frau*, em Esloveno *moški* e *ženska*. No caso deste último, para nativxs da língua portuguesa, a pronuncia destes símbolos é desconfortável e muito difícil. Quando se pronuncia o vocábulo “mulher”, logo se imagina um ser doce de pele macia e corpo delicado, de cabelos longos, que possui órgãos como vagina, útero e

¹ Deste momento saliento que ao me referir à “linguagem”, me refiro tanto a escrita como a falada, considerando também toda a sua contribuição cultural.

seios protuberantes. Ao pensar no “homem”, vislumbra-se a imagem de alguém com corpo musculoso, cabelos curtos, barba, corpo cabeludo e com pênis. Essas características podem e devem variar, mas quando se aprofunda e observa as formações culturais e sociais, percebe-se que poucas coisas se diferenciam.

Refletindo sobre os itens que são pensados para ser usados apenas por homens e outros por mulheres, observa-se que a sociedade em geral impõe sobre objetos, roupas, trabalhos, utensílios, etc., que tal coisa é para “a” mulher, outra para “o” homem, refletindo ambientes culturais considerados arcaicos. Articula-se ainda que haja trabalhos para “os” homens e para “as” mulheres. Na história da humanidade, a mulher foi reprimida de diversas formas, e a criação de elementos de linguagem dividiu e colocou em caixinhas o universo feminino e o masculino, o que também ajudou a fortalecer a dominação masculina, pois sempre colocamos os homens em primeiro lugar: na escrita e no cotidiano.

Essa breve demonstração sobre a origem e importância da linguagem mostra o quanto ela pode ser moldada de acordo com o avanço do conhecimento e também dos eventos ocorridos na sociedade. Então, com o avanço da ciência e cultura, descobre-se que a mulher e o homem são mais similares do que se pensava.

Não foi possível ainda criar novos artigos ou pronomes satisfatórios. Essa é uma das explicações que pode satisfazer a defesa da utilização da letra “X” para substituir o binarismo gerado pelo nosso idioma. Evoluímos muito sobre as descobertas no âmbito da biologia. Antes o que definia feminino e masculino eram seus órgãos de reprodução. Com a evolução das ferramentas científicas e com consequência da medicina, conseguimos notar outras variações genéticas, por exemplo, os genes XX e XY, como mostra Morgan (1910) em *Sex Limited Inheritance in Drosophila*, onde ele demonstra que esses genes são responsáveis por determinar a formação dos órgãos sexuais no indivíduo. Caminhando para os dias de hoje temos outras descobertas como outros genes indutores, como o WNT4 que é estudado pelo geneticista Eric Vilain da *University of Califórnia* em Los Angeles (UCLA), que afirma em uma entrevista ao *Scientific American Brasil* que este gene é responsável por outros mecanismos de formação, mas ainda é um estudo e requer atenção dxs pesquisadorxs.

Podemos considerar a letra “X” como um importante símbolo ou referência para ser usado nos textos acadêmicos e não acadêmicos e para militantes da comunidade LGBTQI, pois ele representa uma incógnita, assim como nós seres humanos, pois não somos seres prontos e acabados, mas em constante evolução. Ademais, é uma forma de representação do gene que cada umx de nós carrega, seja o sexo feminino, masculino ou intersexo.

Usar uma linguagem neutra é um dos maiores desafios atuais. Algumas opções existem, e aprender a falar assim é um processo de desconstrução linguística pessoal que pode levar algum tempo, mas vale o esforço.



Imagem: Revista Lado A, 2016

“Todxs são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileirxs e estrangeirxs residentes no país a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade [...]” (5º art. CF/1988).

4. HISTÓRIAS DE SILENCIAMENTO

4.1. TRAVESTIS NA DITADURA MILITAR

Tathiane Aquino Araújo

Sayonara Naider Bonfim Nogueira

Há 53 anos ocorria no país o golpe militar de 31 de março de 1964, que culminou no extenso período de suspensão democrática pelo qual passou o Brasil durante a República. Denominado por alguns historiadores como “os anos de chumbo”, o período da ditadura foi assinalado pelo rompimento de direitos civis, censura à imprensa, repressão violenta das manifestações populares, assassinatos e torturas.

O que pouco se relata é sobre a vida das travestis Ditadura Militar. Foram estabelecidas, nesse período, formas de “medir” o corpo das travestis, recolher suas imagens para “investigação” a fim de determinar quão ameaçadoras elas poderiam ser. O risco que apresentavam, nas palavras da polícia, era de corromper e incentivar a juventude, além de difundir tais “desprezíveis” práticas. Foi constituída uma associação direta entre os desvios sexo-gênero e a ideologia comunista, de modo que a prisão de travestis deveria ser feita de forma prioritária, como uma das formas de combate à perversão perpetrada por “comunistas”.

A sociedade pregava a moral e os bons costumes durante a Ditadura e, portanto, as travestis apanhavam pelo simples fato de existirem. Não podiam sair durante o dia ou durante a noite, pois os policiais batiam e também prendiam. Elas eram delegadas aos guetos, para melhor controle (LUCON, 2016).

*“Naquela época a gente não podia nem sair de dia porque você já era presa pela polícia. Algumas já ficavam em frente da sua casa esperando você sair. Uma vez, eu saí de casa com uma amiga durante o dia para comprar algumas coisas e acabamos sendo presas. Mesmo com a carteira de trabalho, porque eu trabalhava na área da limpeza, eles alegavam vadiagem, rasgavam a carteira e prendiam”
(Marcelly Malta, 65 anos, apud Neto Lucon, 2016).*

Sissy Kelly, 59 anos, relata que chegou a ser internada em um hospital psiquiátrico por sua família e que levou vários choques elétricos por ser “afeminada”. Ela conseguiu fugir graças a um enfermeiro apaixonado. Conta também que muitas eram caçadas e levadas em camburões (LUCON, 2016).

*“Para fugir, a gente fazia cada coisa que meu corpo não aguentaria hoje. Chegávamos a subir em cima da casa das pessoas, mas às vezes o teto caía e a gente ia parar dentro da casa. Algumas famílias tinham humanidade e nos escondiam, outras nos deixavam presa e chamavam a polícia. Violência era regra institucionalizada pelo governo”
(Sissy Kelly, 59 anos, apud Neto Lucon, 2016).*

Marcelly Malta destaca que as travestis negras eram as que mais apanhavam e que era comum inúmeras colegas desaparecerem após a abordagem policial. Sissy Kelly declara que os policiais que batiam eram os mesmos que voltavam para que elas transassem com eles.

*“Durante a ditadura militar mesmo sem nenhum envolvimento político, travestis e transexuais eram constantemente perseguidas, presas e, algumas, torturadas. Sair durante o dia não era uma opção, e assim como os militantes da época, alguns critérios eram seguidos para evitar prisões. Morávamos sempre em grupos e, diariamente, quando precisávamos sair para comprar alguma coisa, sempre íamos sozinhas. Fui detida várias vezes. Quase toda semana, eles (os policiais) invadiam nossas casas. Cheguei a ficar na prisão por 40 dias, apenas por ser travesti. Lá dentro apanhávamos, éramos colocadas em celas masculinas e sofriamos abusos. A noite era o pior momento, e os militares a tiravam da cela e a levavam para um quarto escuro, onde ela não podia ver quem a molestava. Fui para esse quarto algumas vezes e lá apanhei muito. Ali também eles faziam sexo com a gente”
(Sissy Kelly apud Sayonara Nogueira, 2016).*

Existem diversos relatos de pessoas que resistiram à opressão e à perseguição da polícia e dos militares. Muita coisa evoluiu, mas ainda há muito a ser feito e melhorado. Uma grande conquista foi a diferenciação entre orientação sexual e identidade de gênero, que hoje possuem

conceitos distintos, mas, na época, o caso das travestis e transexuais era considerado apenas mais um tipo de homossexualidade (A GAMBIARRA, 2016).

*“Na época da ditadura militar, pela questão de as travestis serem presas, mortas ou simplesmente desaparecidas não existiam órgãos de defesa dos direitos humanos. As travestis não podiam ir a uma delegacia registrar uma ocorrência como vítima, a culpa sempre recaía sobre nós. Sofri perseguição logo após o governo Olívio Dutra, quando dei aulas de abordagem e Direitos Humanos para a academia de polícia do Estado. Ao fim do governo Olívio, foi presa, pois algumas autoridades da polícia militar não aceitavam que uma travesti os ensinasse como trabalhar”
(Marcelly Malta apud Sayonara Nogueira, 2016).*

Em maio de 1980, durante o governo de Paulo Maluf, o delegado José Wilson Richetti assumiu a delegacia seccional do Centro e criou a Operação Cidade, que trazia como finalidade prender traficantes e assaltantes. No dia seguinte, contudo, os jornais publicavam que a maior parte das 152 prisões feitas na operação foram de prostitutas, travestis e homossexuais.



O delegado José Wilson Richetti, que assumiu a delegacia seccional do Centro e comandou a Operação Limpeza, durante ação contra travestis, prostitutas e homossexuais. Imagem: Juca Martins/Olhar Imagens.

Em 1º de abril de 1980, O Estado de São Paulo publicou matéria intitulada “Polícia já tem plano conjunto contra travestis”, no qual registra a proposta das polícias civil e militar de “tirar os travestis das ruas de bairros estritamente residenciais; reforçar a Delegacia de Vadiagem do

DEIC para aplicar o artigo 59 da Lei de Contravenções Penais; destinar um prédio para recolher somente homossexuais; e abrir uma parte da cidade para fixá-los, são alguns pontos do plano elaborado para combater de imediato os travestis, em São Paulo” (A GAMBIARRA, 2016). A homossexualidade era vista como patologia, doença passível de cura. Durante a ditadura, inúmeros gays, lésbicas, travestis e transexuais foram internados em manicômios, contribuindo para distorcer ainda mais as questões de gênero e sexualidade (A GAMBIARRA, 2016).

“No final da ditadura, fui presa por ser travesti, denunciei em jornal local ano 88 e fui perseguida e vivia escondida andava com medo. Na época, o Secretário de Segurança Pública mandou limpar a sujeira de Fortaleza e, para a sociedade, nós travestis homossexuais, lésbicas, prostitutas e moradores de rua eram os delinquentes que sujavam a imagem de Fortaleza e tinham que ser retirados da Duque de Caxias, centro de Fortaleza” (Thina Rodrigues, ativista e Presidente da ATRAC, Associação de Travestis do Ceará).

Segundo Neto Lucon (2016), a ditadura chegou ao fim em 15 de março de 1985. Porém, é possível encontrar resquícios desse regime na vida atual. É comum, por exemplo, ver pessoas



Marcellly Malta e Sissy Kelly durante o II Workshop Regional da Rede Trans Brasil – Etapa Sudeste, em Uberlândia (MG), outubro de 2016. Imagem: Neto Lucon

sendo preconceituosas em prol dos "bons costumes", e até policiais militares agredindo e matando a população de travestis, sem qualquer punição. Ainda hoje, num país em que a expectativa de vida de uma travesti ou mulher transexual é de 35 anos, chegar aos 60 é um privilégio de poucas.



Tina Rodrigues, presidenta da ATRAC, Associação de Travestis do Ceará.
Imagem: Arquivo pessoal

Infelizmente a sociedade brasileira traz memória curta e pessoas ávidas para reviver o passado. Essas perseguições são causas de medo e intolerância que no terreno fértil da ignorância desenvolvem e florescem. É deplorável, no entanto, que inúmeras pessoas preguem a volta da Ditadura, que tantas vidas inocentes foram ceifadas e torturadas.

A Rede Trans Brasil lamenta esse episódio ocorrido no país, e se solidariza com todas as pessoas travestis e transexuais que provaram na pele a violência do estado de exceção e traz como exemplos Marcellly Malta, Thina Rodrigues, Sissy Kelly, entre outras, que sobreviveram a esses tempos sombrios. Somos uma entidade democrática e transparente e defendemos a participação do povo brasileiro nas decisões do país, apoiando o estado democrático de direito, baseado no cumprimento das leis e no respeito aos Direitos Humanos de todos os cidadãos.

4.2. DA NEGAÇÃO DA IDENTIDADE DE GÊNERO NA IMPRENSA BRASILEIRA

Sayonara Naidier Bonfim Nogueira

A maioria da população de travestis, transexuais e homens trans no país ainda vivem em condições de miséria e exclusão social, sem acesso à educação, saúde, qualificação profissional, oportunidade de inclusão no mercado de trabalho formal e políticas públicas que considerem suas demandas específicas.

O não reconhecimento das identidades trans, o abandono familiar, a evasão escolar, a precarização laboral, a exclusão do mercado de trabalho levam a marginalização dessa população. As Delegacias Especializadas de Atendimento à Mulher não estão preparadas para casos de violência a pessoas trans. O Estado, na realidade, é o que mais violenta esse grupo, não reconhecendo sua identidade de gênero.

Os meios de comunicação reforçam esses estereótipos e violentam pessoas trans com a multiplicação desses estigmas e preconceitos. A maioria das notícias trata pessoas trans com termos como “Homem vestido de mulher” ou “homossexual”, sem considerar identidade de gênero e cidadania trans.

Uma das maiores lutas do movimento trans é o respeito à identidade de gênero, ao nome social e ao tratamento condizente ao gênero. Porém, o que se observa no cotidiano é justamente o contrário. A imprensa, ou seja, o quarto poder desta sociedade, reforça o estigma, ajuda a aumentar o desrespeito e a propagar a desinformação sobre o grupo (LUCON, 2014).

Nas entrelinhas, a imprensa diz e propaga para a sociedade (já transfóbica) que a pessoa trans nada mais é que “alguém que quer se passar por aquilo que não é”, uma ilusão, um disfarce, uma farsa, uma brincadeira, um fetiche, um engano, jamais um ser humano que foi em busca do seu melhor jeito de ser, com uma identidade possível e legítima (LUCON, 2014).

Segundo Barbosa (2015), apesar de não existir uma disciplina específica que trate de gênero e sexualidade numa graduação em Jornalismo, é obrigação do profissional da área de comunicação procurar entender e respeitar as necessidades dos diversos grupos que existem dentro da sigla LGBT, quando lhe for encaminhada uma pauta sobre o tema.

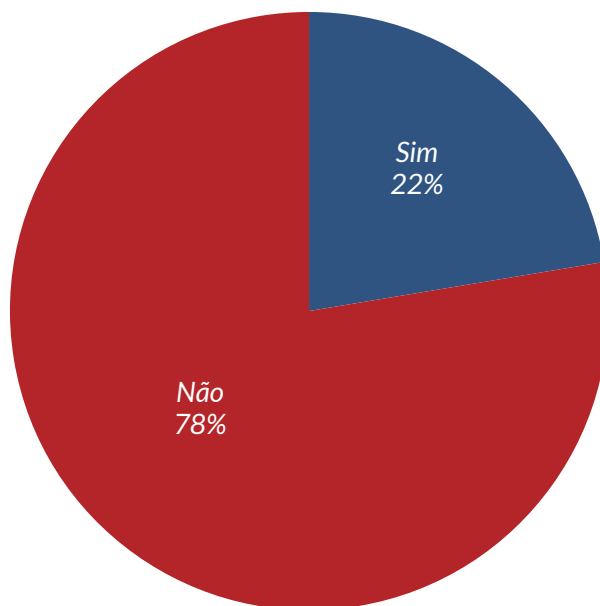
Durante a coleta dos casos de assassinatos, que se encerrou no dia 31 de dezembro de 2016 com 143 casos, em relação ao tratamento dos casos pela imprensa brasileira temos os seguintes dados:

Tabela 1: Tratamento da imprensa em relação aos casos notificados por mês

Meses	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai.	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.	Total
Não	14	9	11	4	7	9	12	8	10	8	9	10	111
Sim	2	3	1	1	3	6	3	1	1	4	5	3	33

Fonte: NOGUEIRA, Sayonara N. B. 07/01/2016

Gráfico 1: Respeito da Imprensa em relação a identidade de gênero das vítimas - 2016



Fonte: NOGUEIRA, Sayonara N. B. 07/01/2016

Ao observar os dados acima, percebe-se que somente 22% das matérias veiculadas dizem respeito à identidade de gênero das vítimas e 78% negaram a respeitar essas pessoas até na hora da morte, não referindo-se à elas de acordo a sua identidade de gênero. Segundo Barbosa (2015), respeitar a identidade de gênero, enquanto profissional do jornalismo, é entender o art. XIV do Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros e fazê-lo valer na prática, pois o jornalista não pode “concordar com a prática de perseguição ou discriminação por motivos sociais, políticos, religiosos, raciais, de sexo e de orientação sexual”.

Temos como exemplos dois casos publicados abaixo:

Travesti assassinado pelo ex-companheiro no Zumbi

Elias Miranda dos Santos foi morto com um tiro após discussão com o ex

THAÍS GAMA

O cabeleireiro Elias Miranda dos Santos, 36, foi assassinado com um tiro na barriga disparado pelo companheiro dele, João Batista Pacheco, após uma discussão motivada pelo fim do relacionamento. A Delegacia Especializada de Homicídios e Sequestros (DEHS) informou que o crime é passionnal e que Elias era travesti. A vítima chegou a ser socorrida, mas deu entrada sem vida no pronto-socor-

ro João Lúcio, Zona Leste.

O crime ocorreu no beco Bom Jesus, bairro Zumbi 3, Zona Leste, por volta das 12h de ontem. Os moradores da área informaram à polícia que o casal (vítima e suspeito) teve uma discussão e Elias espancou João, que revoltado atirou no companheiro.

“Eles estavam separados por alguns conflitos e hoje (ontem) tiveram uma briga, na qual Elias agrediu João. Ele (suspeito) ficou revoltado, pulou o muro de uma casa para pegar a arma e, em seguida, atirou uma vez na barriga de Elias”, explicou um investigador da DEHS.

Um policial militar da 9ª Companhia Interativa Comunitária (Ci-

com), que pediu para não ter o nome divulgado, informou que o suspeito ainda tentou atirar contra a mãe de Elias, cujo nome não foi repassado, mas a arma teria falhado. A DEHS informou que não tomou conhecimento do episódio, no entanto, familiares da vítima e testemunhas serão notificados para prestar esclarecimentos.

A vítima foi atendida pelo Samu e encaminhada a uma unidade de saúde, na qual já chegou sem vida. O caso já está sob investigação. Até o fechamento desta edição, o suspeito do crime ainda não havia sido preso.

<https://issuu.com/amazonasemtempo/docs/agora-22-02-16>

Segundo Barbosa (2015), é importante saber que a sigla LGBT se refere a pessoas Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgênero. Logo, o grupo LGBT não se resume somente aos gays cisgêneros (que se identificam com o gênero que lhes é designado no nascimento). Lésbicas são mulheres – cisgênerxs ou trans – homossexuais. Bissexuais não são pessoas indecisas, mas cuja sexualidade não se restringe a um único gênero. Por fim, existem pessoas trans, que não se identificam com o gênero que lhes foi designado ao nascer e que devem ser tratadas de acordo com o gênero que se identificam. Por mais que para muitas pessoas a questão trans seja difícil de ser compreendida, se a maneira como a comunicação é feita não mudar, leitorxs dos jornais não serão informadxs de que maneira essas pessoas preferem ser identificadas.

13/10/2016 13h52 - Atualizado em 13/10/2016 14h44

Homem com roupas femininas é achado morto no rio Sorocaba

Vítima estava com saco na cabeça e sem documentos.
Caso será investigado pela Polícia Civil em Sorocaba.

Do G1 Sorocaba e Jundiá



Um homem foi encontrado morto em uma galeria do rio Sorocaba na manhã desta quinta-feira (13) em Sorocaba (SP). De acordo com a polícia, a vítima usava roupas femininas e estava com a cabeça coberta por um plástico.

Segundo o delegado Acácio Leite, da Delegacia de Investigações Gerais (DIG), o corpo foi localizado na altura da avenida Juvenal de Campos, no bairro Pinheiros. O homem não possuía documentos de identidade e tinha uma

<http://brasil.noticias.voxquo.com/noticia-detalle-media.asp?id=1686974&t=Homem-com-roupas-femininas-%E9-achado-morto-no-rio-Sorocaba>

Conforme o site da *redetransbrasil.org* e as notícias veiculadas e reportadas, as pessoas trans são tratadas pelos meios de comunicação como “corpo estranho”, pessoas menos dignas de respeito do que as cisgênerxs. Isso se reflete em tantas notícias que lhes desrespeitam a identidade de gênero e lhes recusam qualquer traço de dignidade. São múltiplos os erros de tratamento que promovem desumanização, coisificação, ridicularização, discriminação e constrangimento contra essa população tão oprimida e discriminada.

4.3. DA EXCLUSÃO SOCIAL

Tathiane Aquino Araújo

O conceito de **exclusão social** está intimamente relacionado com o de desigualdade social, uma vez que ela gera pobreza, miséria, mortalidade, aumento do desemprego, aumento da violência e marginalização de parte da sociedade. Travestis brasileiras cotidianamente buscam fugir desta realidade social que lhes é inerente e um dos mecanismos de sobrevivência impostos pela sociedade é a prostituição, como se não bastasse as vulnerabilidades externas que esta profissão já acarreta e que com ela traz infelizmente a necessidade de se adequar a competição do mercado.

A construção do gênero é um processo longo e ininterrupto. Na adolescência começam a ser interiorizados, reproduzidos como verdades naturalizadas primeiramente pelos familiares, logo após nas escolas, nas instituições religiosas, nos ambientes de trabalho, etc, determinando assim, de forma muitas vezes imposta, as condutas individuais.

A necessidade de driblar cotidianamente o papel de ser estranho entre os normais impulsiona as travestis à identificação com o estereótipo da feminilidade desde sua infância por meio de seus trejeitos, sensibilidade, etc., pois é a única maneira que encontram de se incluir em um padrão social, de tornar legítima sua permanência dentro deste contexto social que cada vez mais lhe exclui.

O sistema único de saúde não possui profissionais suficientes para atender nem 30% da população trans deste país por falta do investimento necessário que essa política de saúde pública demanda. Mais difícil ainda é falar em oferecer silicone na rede pública, pois mesmo com decreto de nome social e cartão do SUS reconhecendo a identidade, muitos profissionais e grande parte da gestão da área ignoram esse direito.

Vimos, neste trabalho desenvolvido pela Rede Trans Brasil, a necessidade de construir nossa identidade em um sistema de saúde que não garante esse direito, de cumprir um padrão de beleza que valorize seu “ganha pão” num mercado do luxo e lixo da prostituição que lhes foi apresentado para sobreviver na selva que já era desigual antes e agora aponta para perda total das suas vidas.

É nesse contexto que a avaliação que se faz sobre a questão que o conhecimento torna-se uma arma de emancipação na vida de um indivíduo pode fazer toda a diferença para a quebra de preconceitos e paradigmas impostos pela sociedade autoritária e completamente imbuída de preconceitos construídos sócios historicamente.

Isto porque quando se fala de preconceitos enraizados, deve-se levar em conta que isso foi feito por uma herança tradicional e cultural onde o indivíduo não consegue pensar, refletir e tomar suas próprias decisões sobre um determinado conceito a não ser por aquilo que lhe foi repassado pelas instituições mais elementares e que não ultrapassam jamais o senso comum. De fato, o que se percebe é que quanto mais a pessoa for carente de conhecimentos, mais preconceituosa ela será, e quanto mais ela for preconceituosa, mais fácil de ser manipulada ela também será.

Percebe-se, portanto, que o Brasil não apenas necessita de políticas públicas específicas que garantam os direitos de pessoas trans, como também faz-se necessário uma reforma no sistema educacional (pilar decisivo para esse berrante quadro de exclusão desta população) para que se estabeleça assim novos conceitos sobre a identidade de gênero, pois a própria palavra “preconceito” já predefine que é um grande erro conceber conceitos antecipados de pessoas apenas por pertencerem a uma identidade de gênero diversa.

Assim, com muito esforço, haverá a inserção de mulheres travestis e transexuais e de homens trans no mercado de trabalho, que é uma problemática que vai muito além da quebra de preconceitos e que dependem do comprometimento de gestão do legislativo não somente com a execução de uma política de conta gotas dentro de um campo tão crucial para esta população, mas sim mostrando mecanismos igualitários, justos, humanos e democráticos para uma parte da sociedade que viveu e ainda vive embaixo dos panos, negligenciados em partes obscuras dessa sociedade brasileira.

5. TRAVESTIS NO LIMBO

5.1. A INCIDÊNCIA DO SUICÍDIO NA POPULAÇÃO TRANS

Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), mais de 800 mil suicídios foram registrados em 2015 em todo o mundo, dos quais 75% em países de média e baixa renda. O Brasil ocupa a 8ª posição no ranking de países com maior incidência de suicídios, superando o número de 12 mil casos por ano.

O suicídio é uma das causas mais recorrentes das mortes de travestis, mulheres transexuais e homens trans do Brasil nos últimos tempos. A maioria dos casos ocorre entre jovens de 15 a 29 anos, sobretudo entre pessoas do gênero feminino. É apontado como um grave problema de saúde pública. Todavia, entre a população trans ainda faltam dados, debates e pesquisas. De modo recente, um relatório chamado "Transexualidades e Saúde Pública no Brasil", do Núcleo de Direitos Humanos e Cidadania LGBT e do Departamento de Antropologia e Arqueologia, revelou que 85,7% dos homens trans já pensaram em suicídio ou tentaram cometer o ato (LUCON, 2016).

A ONG estadunidense *National Gay and Lesbian Task Force* assinala que 41% das pessoas trans já tentaram suicídio nos EUA em algum momento, contra 1,2% da população cisgênerx (aquela que não é trans). Uma pesquisa do Instituto Williams de Los Angeles publicada em 2014 estimou que 41% das pessoas trans já tentou cometer suicídio, enquanto a porcentagem entre a população geral é de 4,6%. Já uma pesquisa da Universidade de Columbia nos Estados informa que o índice de suicídio é 5 vezes mais frequente entre LGBT (LUCON, 2016).

Os números do Instituto Williams (UCLA) mostram-se ainda mais alarmantes quando alguns fatores demográficos são levados em conta: 45% das tentativas de suicídio acontecem entre jovens de 18 a 24 anos; 54%, entre pessoas que se declaram multirraciais. Ainda de acordo com o estudo, entre as principais motivações para tentativa de suicídio, além da condição mental, estão as experiências de perseguição, assédio, violência, discriminação e rejeição, fatores que, juntos, levam o indivíduo a um estado de maior vulnerabilidade (OLIVEIRA, 2016).

Quando se fala em saúde da comunidade trans e travesti, é comum pensar em doenças sexualmente transmissíveis, como se toda saúde dessa população se resumisse a isso. A Portaria nº 2.836, de 1º de Dezembro de 2011, do Ministério da Saúde, cria a Política Nacional de Saúde Integral LGBT, e estabelece em seu art. 2º, entre outros, o seguinte objetivo:

XX – reduzir os problemas relacionados à saúde mental, drogadição, alcoolismo, depressão e suicídio entre lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais, atuando na prevenção, promoção e recuperação da saúde.

No ano de 2016, reportamos 12 casos de suicídio relatados por meio das redes sociais e meios de comunicação. Sabe-se que esse número é ínfimo, perto da realidade do nosso país, uma vez que, segundo Andrade (2013), essa população não existe, e torna-se invisível para o governo, sociedade e movimentos sociais, salvaguardando raras e modestas iniciativas. A prevenção ao suicídio é uma emergência, uma vez que já faz parte dos objetivos da política nacional de saúde.

O suicídio é cada vez mais um fenômeno social de importância em todas as sociedades pelo mundo a fora. Cada vez mais pessoas enveredam pelo caminho da morte voluntária, e nem sempre se consegue compreender por quê. Esse número vai aumentando sobretudo entre os jovens, o que resulta em um problema social referente não só aos que se suicidam, mas também aos seus familiares.



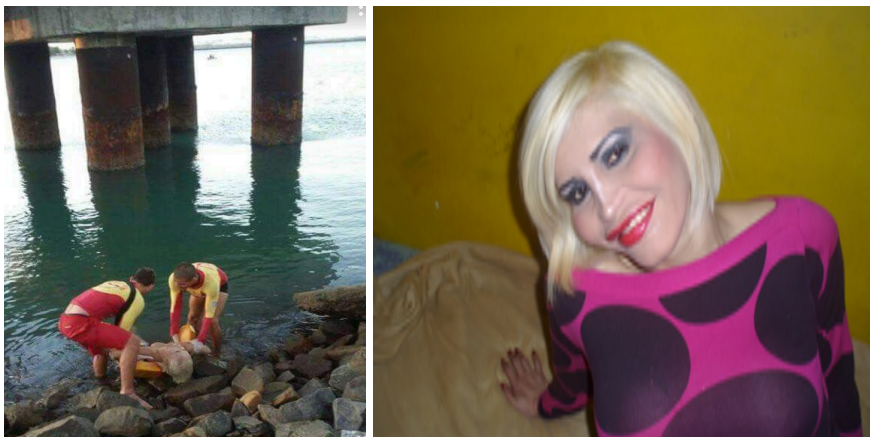
Kayla Lucas, São Paulo (SP), e Isadora Melina, Americana (SP)



Luana, Recife (PE), e Luan, São Paulo (SP)



Bia, Tupaciguara (MG), e Milena, Itapecuru (MA)



Viviane, Caiacó (RN), e Paula Dior, Milão, Itália



Alessandra Martinelly e C. M., Novo Hamburgo (RJ)



Iuri, Natal (RN), e Márcia Medeiros, São Paulo (SP)

Fonte: <http://redetransbrasil.org/suicidios.html>

5.2. OS CASOS DE SILICONE INDUSTRIAL

Segundo Porcino (s.d), o silicone industrial é para uso em automóveis com a finalidade de lustrar e lubrificar peças, sendo facilmente localizado em lojas especializadas. O verbete silicone está relacionado ao ramo químico com designação genérica de polímeros, com grande estabilidade térmica e química, usado como lubrificante, fluido hidráulico, antiespumante, adesivo, apesar de ser também usado em dermatologia cosmética.

O silicone industrial é um perigo quando usado no corpo, causando um grande dano à saúde. Dentre os seus efeitos nocivos estão: necrose das células, embolia, reações alérgicas,

deslocamento do silicone para outras áreas do corpo, trazendo deformações severas, levando muitas vezes ao óbito (LUDIASBH, 2015).

Infelizmente ainda existe muito desconhecimento em relação ao silicone industrial na modelagem do corpo. O seu uso é uma realidade entre as pessoas de baixa renda e, sobretudo, entre travestis e transexuais. Além do risco que traz o uso de tal produto, a falta de higiene e a falta de preparo também são alarmantes. Como sua aplicação é proibida pela Agência de Vigilância Sanitária, o produto é aplicado clandestinamente pelas “bombadeiras” que usam as maneiras mais inconcebíveis, inclusive seringas veterinárias (LUDIASBH, 2015).

Durante o processo de aplicação do silicone industrial, o organismo pode desenvolver uma resposta imediata por meio de reação alérgica que pode evoluir para uma forma mais grave originando o choque anafilático e que se a vítima não for socorrida rápida e de forma adequada, pode haver complicações e, por conseguinte poderá evoluir para o óbito. Pode acontecer também uma resposta imunológica tardia, onde o organismo reconhecerá como um corpo estranho (PORCINO, s.d.)

Outras situações também põem em risco a saúde da travesti que se submete ao uso do silicone industrial, como por exemplo, à medida que as agulhas adentram a pele, podem depender de a localização atingir um vaso calibroso, assim como a inobservância da presença de bolhas de ar na seringa, a duração do procedimento, o tabagismo, o uso de hormônios, entre outras como: câncer, hipertensão, processos infecciosos, etc (PORCINO, s.d.).

Com o passar do tempo, o silicone industrial sofre uma transformação tornando-se uma espécie de “pedra”. A partir daí, a depender de sua localização existe a probabilidade de comprimir órgãos, veias e artérias calibrosas, provocando danos severos ao organismo. Os orifícios deixados pela retirada das agulhas são em seguida tamponados com algodão e cola de secagem rápida e/ou esmalte para unhas (PORCINO, s.d.).

Como o silicone líquido não é envolvido por uma membrana resistente, existe a possibilidade dele se espalhar pelo corpo. Com isso, valores administrados por via intramuscular, superiores ao uso recomendado para essa via, podem desenvolver um processo inflamatório, necrosando a área afetada em que foi administrado e na sua forma mais grave, pode evoluir para

amputação das partes comprometidas, evoluindo para uma infecção generalizada e de forma mais grave, configurar o óbito (PORCINO, s.d.).

O processo para removê-lo é muito difícil em função de ele aderir ao tecido e formar o siliconoma, uma espécie de pedra, que na maioria das vezes sua retirada só é possível através da remoção de parte da pele e tecido conjuntivo envolvido ocasionando várias deformações (PORCINO, s.d.).

Os hospitais possuem nas suas estatísticas um número avassalador, principalmente de travestis, que a eles acorrem, vitimados pelo uso do silicone industrial. O produto tem sido usado para turbinar, principalmente, os seios e as nádegas e também para o preenchimento da face e dos lábios. A aplicação de tal produto nas nádegas costuma deformar pernas e pés, impossibilitando o usuário de andar. Normalmente quando é aplicado no seio, o produto costuma descer para a barriga. A dor é muito grande, sem falar nos danos psicológicos com os quais a pessoa terá que conviver pelo resto da vida. E pior, nem sempre é possível a sua retirada do corpo (LUDIASBH, 2015).

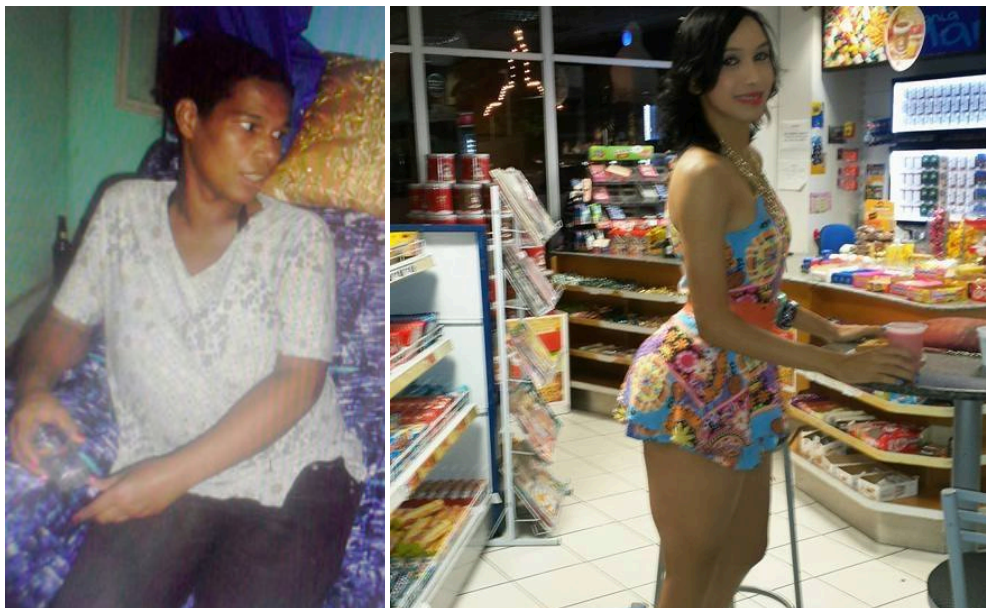
Conforme Mello et al. (2011), dentre a população LGBT, as pessoas travestis e transexuais são as que mais enfrentam dificuldades ao buscarem atendimentos nos serviços públicos de saúde, não só quando reivindicam serviços especializados, como o processo transexualizador, mas em diversas outras ocasiões nas quais buscam atendimento, pela agressiva trans/travestifobia que sofrem atrelada à discriminação por outros marcadores sociais, como pobreza, raça/cor, aparência física e pela falta de serviços de saúde específicos.

Segundo Almeida e Murta (2013), a vida das pessoas trans deve ser analisada sob uma perspectiva de totalidade histórica, na qual indivíduos e grupos possuem suas vidas atravessadas por determinações da cultura, da economia, da política e da subjetividade. Essas vidas experimentam rebatimentos de classe social, raça/cor, orientação sexual, gênero, evasão escolar, dificuldades de acesso à saúde, entre outros. Sendo assim, o uso de silicone industrial não pode significar ação insequente e isolada, pois compõe a dinâmica real da sociedade na qual pessoas trans construirão modos de resistência e sobrevivência.

Durante as coletas feitas no ano de 2016, localizamos 07 casos reportados pela imprensa e redes sociais, listados abaixo:



Imagem: Travestis e Transexuais brasileiras



Brenda Alberlock, Salvador (BA), e Taciane Pires, Teresina (PI)



+ LUTO +
NICOLE ALVES -
MULHER TRANS,
SILICONE INDUSTRIAL.

Nicole Alves e Carla Couto
Fonte: Travestis e Transexuais brasileiras

Home / DESTAQUE / Travesti morre em Miracema após supostamente aplicar silicone industrial



TRAVESTI MORRE EM MIRACEMA APÓS SUPOSTAMENTE APLICAR SILICONE INDUSTRIAL

<http://natividadefm.com.br/2016/11/15/travesti-morre-em-miracema-apos-supostamente-aplicar-silicone-industrial/>

5.3. VIOLAÇÕES DE DIREITOS HUMANOS

O Brasil vive em estado constante de violação de direitos humanos de uma parcela importante da sua população. As pessoas trans sofrem com a violação de direitos humanos diariamente. Do ponto de vista dos avanços legais para a promoção dos direitos das pessoas trans, o avanço foi pouco, destacando apenas a política do nome social, contudo que ainda existem constrangimentos na prática e despreparo para acolhida em serviços públicos.

Em relação ao respeito, dignidade e reconhecimento da comunidade trans no dia a dia repetidamente não se respeita a identidade de gênero em espaços públicos ou em espaços de circulação. É possível lembrar o julgamento da questão no STF, quando o relator Luís Roberto Barroso votou a favor da mulher trans quanto ao uso do banheiro feminino em estabelecimentos como shopping centers e restaurantes. Apesar disso, o despreparo dos Ministros do STF ficou evidente quando os ministros Luiz Fux e Ricardo Levandowski chegaram a discutir “risco para crianças”, e outros confundiram transexualidade com homossexualidade. O julgamento foi obstruído por um pedido de vista do ministro Luiz Fux.

Não obstante de a transexualidade não ser analisada como uma doença pela OMS, ainda é muito assinalada pelo viés médico e psiquiátrico. Isso é uma violação dos direitos humanos destas pessoas, uma vez que as pessoas trans necessitam trazer a liberdade com relação à sua identidade de gênero e autonomia sobre seus corpos, sem intervenção de uma autoridade médica.

Essa violação de direitos humanos é realizada pelo próprio Estado, ao recusar direitos sociais e não legislar em favor das pessoas trans funcionando, deste modo, como autorização social para a violência e as mortes de travestis, transexuais e transgênero em todo o país, portanto, pode-se concluir que o Brasil não reconhece seus cidadãos e cidadãs trans.

Não raro, conseqüentemente, as pessoas trans ficam sujeitadas às piores formas de desprezo e arbitrariedade. Por estarem posicionadas nos patamares inferiores da estratificação sexual, isto é, por vezes mais expostas que gays e lésbicas, seus direitos são ordenadamente negados e violados, sob a indiferença geral.

Em relação à notificação de violações de Direitos Humanos, tem-se 54 casos reportados pela imprensa e redes sociais no ano de 2016, conforme a tabela abaixo:

Tabela 2: Casos de violação de Direitos Humanos, por cidade, estado, região e tipo de violência.

CIDADE	ESTADO	REGIÃO	TIPO DE VIOLÊNCIA/AGRESSÃO
São Paulo	SP	Sudeste	Espancamento
Londrina	PR	Sul	Agressão Física
São Paulo	SP	Sudeste	Espancamento e tentativa de estupro
Uberaba	MG	Sudeste	Roubo e casa incendiada
São Paulo	SP	Sudeste	Espancamento
Campo Grande	MS	Centro-Oeste	Agressão com arma branca
Campo Grande	MS	Centro-Oeste	Agressão com arma branca
Vitória	ES	Sudeste	Cyberbullyng
Limeira	SP	Sudeste	Agressão com arma branca
Cascavel	PR	Sul	Agressão com arma branca
Três Lagoas	MS	Centro-Oeste	Agressão com arma branca
Jaboticabal	SP	Sudeste	Intolerância
Salvador	BA	Nordeste	Direitos básicos negados na saúde
Caxias	RJ	Sudeste	Direitos básicos negados na saúde
São Paulo	SP	Sudeste	Estupro
São Carlos	SP	Sudeste	Agressão física
Barueri	SP	Sudeste	Espancamento
São José do Rio Preto	SP	Sudeste	Agressão Física
Vilhena	RO	Norte	Roubo e agressão física
Várzea Grande	MT	Centro-Oeste	Enforcamento
Rio de Janeiro	RJ	Sudeste	Agressão física
Curitiba	PR	Sul	Agressão com arma branca
Recife	PE	Nordeste	Roubo
Bauru	SP	Sudeste	Roubo e agressão física
Jundiaí	SP	Sudeste	Roubo e agressão com arma branca
Altos	PI	Nordeste	Agressão com arma branca
Presidente Prudente	SP	Sudeste	Agressão física
Uberlândia	MG	Sudeste	Ferimento do garrafas
Maceió	AL	Nordeste	Agressão física
Bom Retiro do Sul	RS	Sul	Agressão física
Belo Horizonte	MG	Sudeste	Roubo
Piracicaba	SP	Sudeste	Agressão e cabelo cortado
Cuiabá	MT	Centro-Oeste	Agressão física
Boa Vista	RR	Norte	Direitos básicos negados na saúde
Franca	SP	Sudeste	Discriminação em local público
Rio Branco	AC	Norte	Agressão física
Campo Grande	MS	Centro-Oeste	Discriminação por familiares
Natal	RN	Nordeste	Proibida de usar banheiro público

Pimenta Bueno	RO	Norte	Agressão verbal
Várzea Grande	MT	Centro-Oeste	Agressão física
Vitória	ES	Sudeste	Discriminação em local público
São Paulo	SP	Sudeste	Discriminação
São Paulo	SP	Sudeste	Discriminação por familiares
Indaiatuba	SP	Sudeste	Proibida de usar vestuário feminino
Curitiba	PR	Sul	Agressão física
São Paulo	SP	Sudeste	Discriminação pela imprensa
São Paulo	SP	Sudeste	Proibida de usar banheiro público
Juiz de Fora	MG	Sudeste	Discriminação em local público
Rio Preto	SP	Sudeste	Arrastada por veículo
Rio de Janeiro	RJ	Sudeste	Agressão física
Wanderlândia	TO	Norte	Pauladas
São Paulo	SP	Sudeste	Pauladas
Campo Grande	MS	Centro-Oeste	Roubo
Niterói	RJ	Sudeste	Roubo

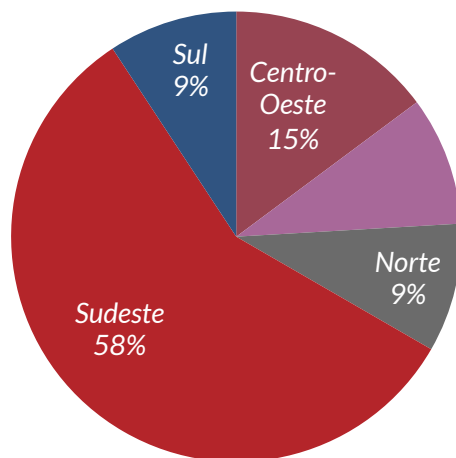
Fonte: NOGUEIRA, Sayonara N. B. 31/12/2016
<http://redetransbrasil.org/violaccedilatildeo-de-direitos-humanos.html>

Tabela 3: Estados que mais apresentaram violação de Direitos Humanos

Estados	Nº de casos
São Paulo	21
Mato Grosso do Sul	05
Paraná	04
Minas Gerais	04
Rio de Janeiro	04
Mato Grosso	03
Espirito Santo	02
Rondônia	02
Bahia	01
Pernambuco	01
Piauí	01
Alagoas	01
Rio Grande do Sul	01
Roraima	01
Acre	01
Rio Grande do Norte	01
Tocantins	01

Fonte: NOGUEIRA, Sayonara N. B. 31/12/2016.
<http://redetransbrasil.org/violaccedilatildeo-de-direitos-humanos.html>

Gráfico 2: Regiões que mais apresentaram violações de Direitos Humanos



Fonte: NOGUEIRA, Sayonara N. B. 31/12/2016.
<http://redetransbrasil.org/violaccedilatildeo-de-direitos-humanos.html>

Tabela 4: Tipos de violências e agressões por ordem alfabética

Tipo de violência/agressão	Números de casos
Agressão com arma branca	8
Agressão verbal	1
Agressão Física	15
Arrastamento por veículos	1
Cabelo cortado	1
Casa incendiada	1
Cyberbullying	1
Direitos negados na saúde	3
Discriminação em local público	3
Discriminação pela imprensa	1
Discriminação por familiares	1
Enforcamento	1
Espancamento	4
Estupro	1
Ferimento com garrafadas	1
Intolerância e discriminação	1
Pauladas	2
Proibição do uso de banheiro	3
Roubo	8
Tentativa de estupro	1

Fonte: NOGUEIRA, Sayonara N. B. 31/12/2016.
<http://redetransbrasil.org/violaccedilatildeo-de-direitos-humanos.html>

Ao observar os dados acima, percebe-se que a região Sudeste apresenta o maior número de casos com 58% do total das notificações, seguido do Centro-Oeste com 15%, as outras 03 regiões ficam empatadas com 9% dos casos reportados. Em relação aos tipos de violência/agressão tem-se um grande número de roubos, agressões físicas e agressões com arma branca.

Percebe-se que o segmento ainda sofre muito preconceito, em especial no mercado de trabalho o que faz com que mais de 90% das travestis e transexuais vivam tão-somente da prostituição. A noite é extremamente perigosa para as profissionais do sexo e falta policiamento ostensivo de grande frequência nessas áreas. Infelizmente a violência contra essa população é mais comum do que se possa imaginar e acontece em todas as regiões e cidades brasileiras e quando se trata de profissionais do sexo é que se agravam os fatos, culminando em diversos assassinatos por todo país.

5.4. AS TENTATIVAS DE HOMICÍDIO

Segundo Seffner e Passos (2016), é categoricamente frequente que, ao remeter à sua própria história, uma travesti ou transexual reconheça uma constante proximidade com um ente indesejável: a violência, como um conjunto de práticas que assolam constantemente suas vidas, introduzindo o medo ao circular e se expor. Se, por um lado, as diferenças nas modalidades de violência distanciam cada história de vida, a sua existência, quase inequívoca em cada uma delas, aproxima-as.

Para França (2016), a sociedade fecha as portas para as pessoas trans muito cedo, em suas vivências há relatos de muitas serem expulsas logo cedo de seu seio familiar o que elimina o amor familiar de suas vidas, desta forma sem ânimo de frequentarem as escolas pelo desrespeito ao uso do nome social, não poderem usar os banheiros de acordo com sua identidade e não serem respeitadas enquanto gênero feminino, estas pessoas que estão vulneráveis devido à falta de apoio familiar e escolar são prontamente adotadas por cafetinas e traficantes que por sua vez irão colocá-las em um círculo vicioso de drogadição, prostituição e crimes relacionados a roubos.

A média de vida uma travesti no país chega a ser de 25 anos, poucas conseguem ultrapassar esse percentual da faixa etária, o que explica não existir dados do envelhecimento desta população (FRANÇA, 2016). As situações diárias de violência, que são elementos constituintes das identidades de muitas travestis, as expõem a processos de exacerbação dessa vulnerabilidade (SEFFNER; PASSOS, 2016).

Durante a coleta das informações em relação às tentativas de homicídio, foram registradas 52 tentativas de homicídio através das redes sociais e imprensa. Seria de fundamental importância que os órgãos e autoridades responsáveis, ao preencherem os documentos notificatórios, identificassem essa violência como um homicídio seguido de suicídio, e não somente como uma tentativa de homicídio, como rotineiramente tem sido feito. Somente dessa maneira retirará da invisibilidade a condição de ser uma pessoa trans vítima de violência e deste modo, contribuir para a redução das estatísticas em torno do homicídio desse segmento.

Abaixo, tem-se a tabela das tentativas de homicídio ocorridas no ano de 2016:

Tabela 5: Tentativas de homicídio por município, estado, região e tipo de arma

Município	Estado	Região	Tipo de arma
Alta Floresta	MT	Centro-Oeste	Arma de fogo
Madureira	RJ	Sudeste	Arma de fogo
Madureira	RJ	Sudeste	Arma de fogo
Araguaína	TO	Norte	Arma branca
João Pessoa	PB	Nordeste	Arma de fogo
Uberaba	MG	Sudeste	Arma branca
São José do Rio Preto	SP	Sudeste	Arma de fogo
São José do Rio Preto	SP	Sudeste	Arma de fogo
São José dos Pinhais	PR	Sul	Arma de fogo
Tangará da Serra	MT	Centro-Oeste	Arma branca
São Bernardo do Campo	SP	Sudeste	Arma de fogo
Mossoró	RN	Nordeste	Arma de fogo
Salvador	BA	Nordeste	Pauladas
Salvador	BA	Nordeste	Arma de fogo
Ji Paraná	RO	Norte	Arma branca
Ariquemes	RO	Norte	Arma branca
Belém	PA	Norte	Espancamento
Belém	PA	Norte	Arma de fogo
Criciúma	SC	Sul	Arma de fogo
Porto Velho	RO	Norte	Arma branca

Ourinhos	SP	Sudeste	Arma branca
Taguatinga	DF	Centro-Oeste	Arma branca
Apucarana	PR	Sul	Arma branca
Campo Grande	MS	Centro-Oeste	Arma de fogo
Campo Grande	MS	Centro-Oeste	Arma de fogo
Santa Helena	PR	Sul	Arma de fogo
Natal	RN	Nordeste	Arma de fogo
Natal	RN	Nordeste	Arma de fogo
Natal	RN	Nordeste	Arma de fogo
Porto Velho	RO	Norte	Arma branca
Macaé	RJ	Sudeste	Arma de fogo
São Leopoldo	RS	Sul	Arma de fogo
Luiz Eduardo Magalhães	BA	Nordeste	Arma branca
Rio de Janeiro	RJ	Sudeste	Espancamento
Bauru	SP	Sudeste	Espancamento
São Paulo	SP	Sudeste	Arma de fogo
Belém	PA	Norte	Arma de fogo
Maiquinique	BA	Nordeste	Arma branca
Belém	PA	Norte	Tortura
Ilhéus	BA	Nordeste	Espancamento
Macaíba	RN	Nordeste	Arma branca
Macaíba	RN	Nordeste	Arma branca
Nilópolis	RJ	Sudeste	Arma branca
Salvador	BA	Nordeste	Arma branca
Curitiba	PR	Sul	Arma branca
São Paulo	SP	Sudeste	Espancamento
Curitiba	PR	Sul	Atropelamento
Serra	ES	Sudeste	Arma de fogo
Várzea Grande	MT	Centro-Oeste	Enforcamento
Cacoal	RO	Norte	Arma branca
Caruaru	PE	Nordeste	Arma branca
Luiz Eduardo Magalhães	BA	Nordeste	Arma branca

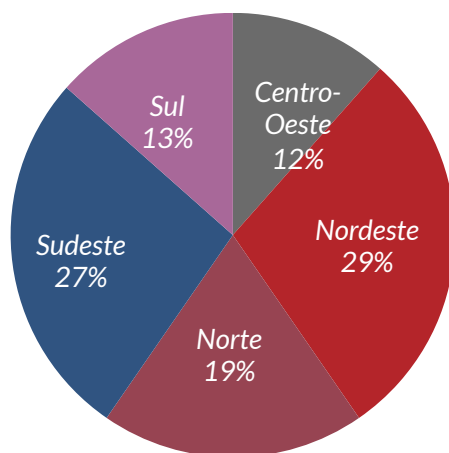
Fonte: NOGUEIRA, Sayonara N. B. 31/12/2016.
<http://redetransbrasil.org/tentativas-de-homicidio.html>

Tabela 6: Tentativas de homicídio por Estado

Estado	Nº de casos
São Paulo	7
Bahia	7
Rio Grande do Norte	6
Rio de Janeiro	5
Paraná	5
Rondônia	5
Pará	4
Mato Grosso	3
Mato Grosso do Sul	2
Tocantins	1
Paraíba	1
Minas Gerais	1
Santa Catarina	1
Distrito Federal	1
Rio Grande do Sul	1
Espírito Santo	1
Pernambuco	1

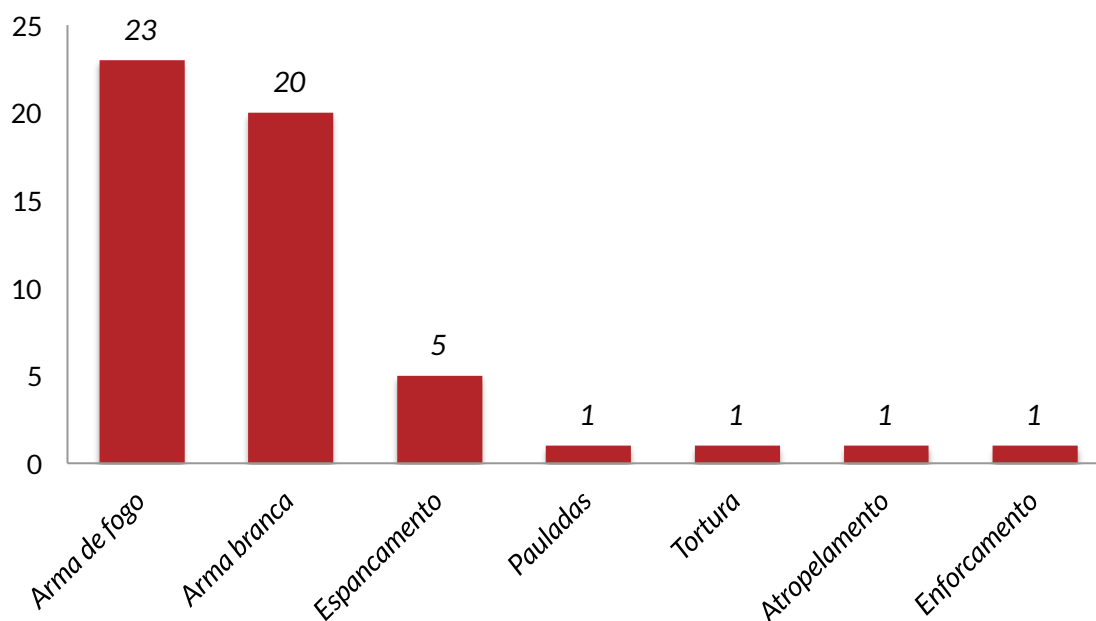
Fonte: NOGUEIRA, Sayonara N. B. 31/12/2016. <http://redetransbrasil.org/tentativas-de-homicidio.html>

Gráfico 3: Tentativas de homicídio por região



Fonte: NOGUEIRA, Sayonara N. B. 31/12/2016. <http://redetransbrasil.org/tentativas-de-homicidio.html>

Gráfico 04: Tipo de armas usadas



Fonte: NOGUEIRA, Sayonara N. B. 31/12/2016. <http://redetransbrasil.org/tentativas-de-homicidio.html>

Ao observar os dados acima, temos a região Nordeste como a primeira colocada nas tentativas de homicídio, com destaque aos estados da Bahia e Rio Grande do Norte, e logo atrás se tem a região Sudeste com São Paulo e Rio de Janeiro a frente destes números. Dos casos analisados, 23 utilizaram arma de fogo, 20 arma branca, como faca ou facão, 5 casos de espancamento, e outros casos como pauladas, tortura, atropelamento e enforcamento.

Percebe-se também nas matérias veiculadas as tentativas de homicídio há um grande número de desacerto entre a pessoa trans profissional do sexo e o cliente, o que leva a este tipo de agressão e violência que pode levar a óbito parcela dessa população.

Infelizmente, as pessoas trans são vulneráveis no espaço geográfico, independente de tempo e espaço. A cada dia que passa essa parcela da população é morta, espancada e abusada e o Brasil é um dos principais países, onde travestis, transexuais e homens trans são assassinadxs e violentadxs. O hetero e cissexismo produzem várias vítimas todos os anos, e esta violência vem crescendo.

Segundo Silva (2009), pessoas trans apresentam em suas falas relatos de medo, insegurança e de experiências negativas do que experiências positivas. Em ordem de maior

significação negativa de suas experiências espaciais estão: escola, hospital / instituições de saúde, clubes / danceterias / restaurantes, penitenciárias / delegacias de polícia, exército e igrejas. As experiências positivas estão relacionadas ao território da prostituição, às suas casas e às ONGs.

O preconceito existe e muitas pessoas ainda associam travestis e transexuais à prostituição, quando ainda não são culpadas pela violência que acontece com elas próprias, por serem o que são. E é esse o papel do ativismo social, engajar as pessoas na defesa das minorias e grupos vulneráveis como um amadurecimento político e cultural da sociedade. A consolidação da democracia transcorre pela igualdade no que tange ao respeito dos direitos e garantias fundamentais, não devendo existir tendenciosidade em prol de um ou de outrem. A atual Constituição Federal, em seu art. 3º, IV, estabelece como objetivo da República brasileira “promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação”.

A violência a qual estão sujeitas as pessoas trans, é apresentada como naturalizada no imaginário social da sociedade, estabelecida por definições do que é ser travesti e transexual, concebidas e generalizadas sobre o preconceito e discriminação no universo desta parcela da população.

A violência contra este público acontece nos mais variados espaços, conforme os dados apresentados até agora. E tem-se a rua o espaço onde a violência ocorre com mais constância, espaço este destinado as pessoas invisíveis socialmente, todavia, observa-se também a violência institucional, incluindo família, escola, serviços de saúde e outros, como um espaço de ameaça para as pessoas travestis e transexuais.

6. BRASIL: O PAÍS QUE MAIS MATA PESSOAS TRAVESTIS E TRANSEXUAIS NO MUNDO

6.1. A CARTOGRAFIA DOS CORPOS DAS PESSOAS TRANS

Foi reportado no ano de 2016, 144 assassinatos de pessoas trans no Brasil, casos estes notificados pela imprensa, redes sociais e repassados também através de grupos de WhatsApp. Alguns grupos do Facebook ainda foram de suma importância para este trabalho, como o Mundo T-Girl, e as páginas do jornalista Neto Lucon e Travestis e Transexuais brasileiras.

Segundo a presidenta da Rede Trans Brasil, Thatiane Araújo, apesar de todos terem ideia do alto número de pessoas trans assassinadas, mediante aos relatos e reportagens, faltava um dado confiável e oficial para servir de subsídio na luta contra a transfobia, na cobrança de políticas públicas voltadas para essa população. E para servir de base e confronto em espaços que discutem violações de direitos humanos (LUCON, 2016).

*“Com esses dados mapeados pela Rede Trans Brasil a gente terá subsídio para fazer a cobrança. Mostramos esses números, damos um choque de realidade e colocamos a responsabilidade nas mãos deles. O mapeamento servirá para cobrar autoridades brasileiras sobre a transfobia no Brasil. E também para solicitar que organizações internacionais se atentem para a violência que a população trans é submetida e ignorada no país”
(Thatiane Araújo, apud Lucon, 2016).*

Thatiane Araújo ainda afirma que anteriormente os dados eram mapeados por grupos formados majoritariamente por homens gays cisgêneros, que muitas vezes não demonstravam sensibilidade à causa trans e que não respeitavam a identidade de gênero dessa população. De acordo com ela, muitas das mortes de travestis e mulheres transexuais eram contabilizadas como sendo mortes de homossexuais (LUCON, 2016).

*“A gente ia lá ver a matéria contabilizada como homossexual e estava lá: ‘Morreu rapaz de 18 anos em Pernambuco...’ E depois de ter falado a desgraçada toda, tava lá no fim: ‘estava com roupas femininas e tinha o codinome de Gretchen’. E a gente ia olhar a foto e a pessoa tinha quadris largos, o peito na bandeja. Ou seja, prejudicaram a população trans por um bom tempo”
(Tathiane Araújo, apud Lucon, 2016).*

A presidenta afirmou também que até março deste ano todos os casos envolvendo mortes de travestis eram contabilizados pelo Disque 100 como sendo do gênero masculino (LUCON, 2016).

*“Sabe o que isso significa? Que quando chega nas mãos dos gestores, eles falam sem olhar profundamente: ‘quem está morrendo mais é o gênero masculino, é o gay cis’, porque o homem trans é contabilizado como gênero feminino. E nem cogita que a travesti está no meio, porque elas se reivindicam do gênero feminino. E ninguém se atenta que a travesti está morrendo. A gente não pode esperar que o outro vá pensar na nossa dor, esperar que o outro vá procurar a verdade de uma matéria para não invisibilizar as pessoas trans.
A gente está fazendo o nosso dever de casa”
(Tathiane Araújo, apud Lucon, 2016).*

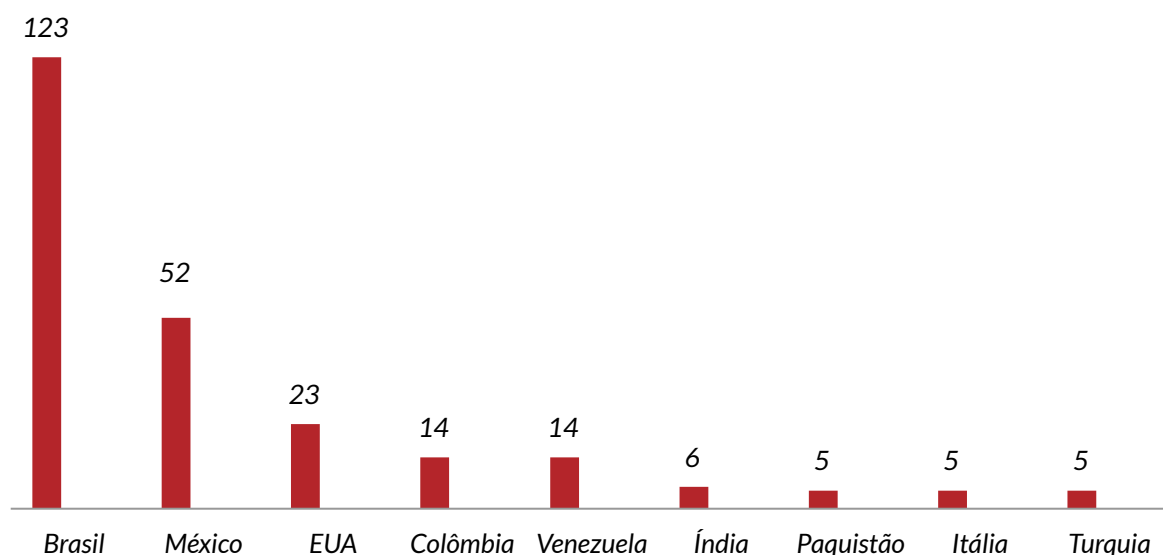
Todos os casos são vistos, checados e contabilizados pela militante e professora Sayonara Nogueira e o seu marido, o professor Euclides Afonso Cabral. As informações são obtidos por meio de pesquisas em sites de busca, matérias jornalísticas e denúncias, e baseados em fontes, dados e referências (LUCON, 2016).

*“Não é fácil à gente se deparar com esses casos e receber as fotos da vítima. Um assassinato de travesti nunca é com um tiro e pronto. É com vários tiros, com o genital queimado, com várias facadas... É um crime de ódio mesmo”
(Euclides Cabral, apud Lucon, 2016).*

A pesquisa da rede europeia *Transgender Europe* (TGEU) aponta que o Brasil é o país que mais mata pessoas trans e gênero-diversas no mundo. Por ocasião do 18º Dia Internacional da Memória Trans (TDoR, pela sigla em inglês), no dia 20 de novembro de 2016 a TGEU publicou uma atualização dos resultados do Observatório de Pessoas Trans Assassinadas (TMM, pela sigla em inglês) para unir-se às vozes de sensibilização sobre os crimes de ódio contra as pessoas trans e gênero-diversas, e honrar as vidas daquelas que de outra forma poderiam cair no esquecimento (LUCON, 2016).

“A atualização do TDoR 2016 revelou um total de 295 casos de assassinatos registrados de pessoas trans e gênero-diversas entre 1 de outubro de 2015 e 30 de setembro de 2016 em 33 países ao longo dos últimos 12 meses, com a maioria no Brasil (123), México (52), EUA (23), Colômbia (14) e Venezuela (14). Na Ásia, a maioria dos casos registrados estão na Índia (6) e Paquistão (5), e na Europa, na Itália (5) e Turquia (5)”
(TGEU, 2016).

Gráfico 05: Assassinatos de pessoas trans de 1 de outubro de 2015 a 30 de setembro de 2016

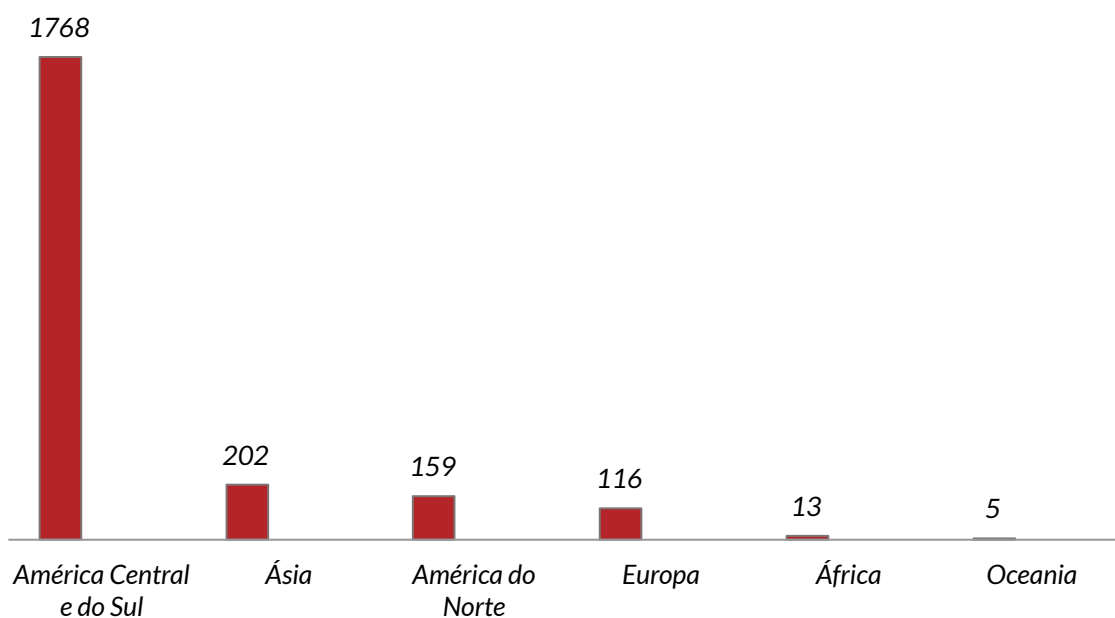


Fonte: NOGUEIRA, Sayonara N. B. 07/01/2017 com dados da TGEU.

No geral, a atualização TDoR 2016 revela um total de 2.264 homicídios reportados de pessoas trans e gênero-diversas em 68 países em todo o mundo entre 1 de janeiro de 2008 e 30 de setembro de 2016. A atualização TMM TDoR 2016 registrou casos de assassinatos de pessoas trans e gênero-diversas entre janeiro de 2008 e setembro de 2016 em todas as regiões do mundo: 1768 mortes em 23 países na América Central e do Sul, sendo responsável por 78% dos homicídios relatados em todo o mundo; 202 assassinatos em 16 países asiáticos; 159 assassinatos na América do Norte; 116 assassinatos em 16 países europeus; 13 assassinatos foram registrados em 6 países africanos; e 6 assassinatos em 5 países da Oceania (TGEU, 2016).

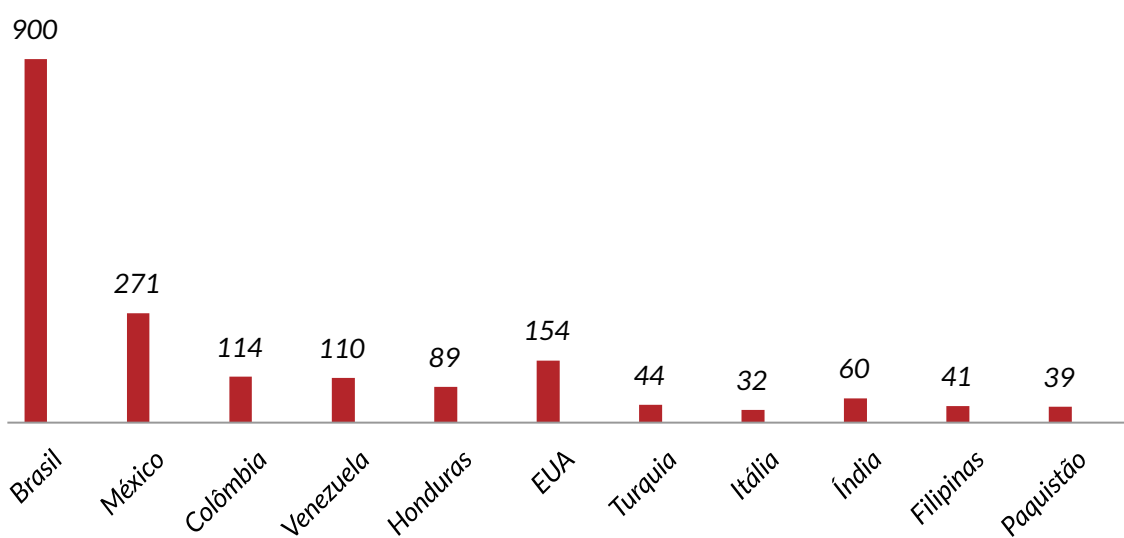
“Ao longo das seis regiões do mundo, os maiores números absolutos foram encontrados em países com os movimentos trans e organizações trans e LGBT que executam algum acompanhamento profissional: Brasil (900), México (271), Colômbia (114), Venezuela (110) e Honduras (89) na América Central e do Sul; EUA (154) na América do Norte; Turquia (44) e Itália (32) na Europa; e na Índia (60) Filipinas (41) e Paquistão (39) na Ásia” (TGEU, 2016).

Gráfico 06: Assassinatos por regiões no mundo de 1 de janeiro de 2008 a 30 de setembro de 2016



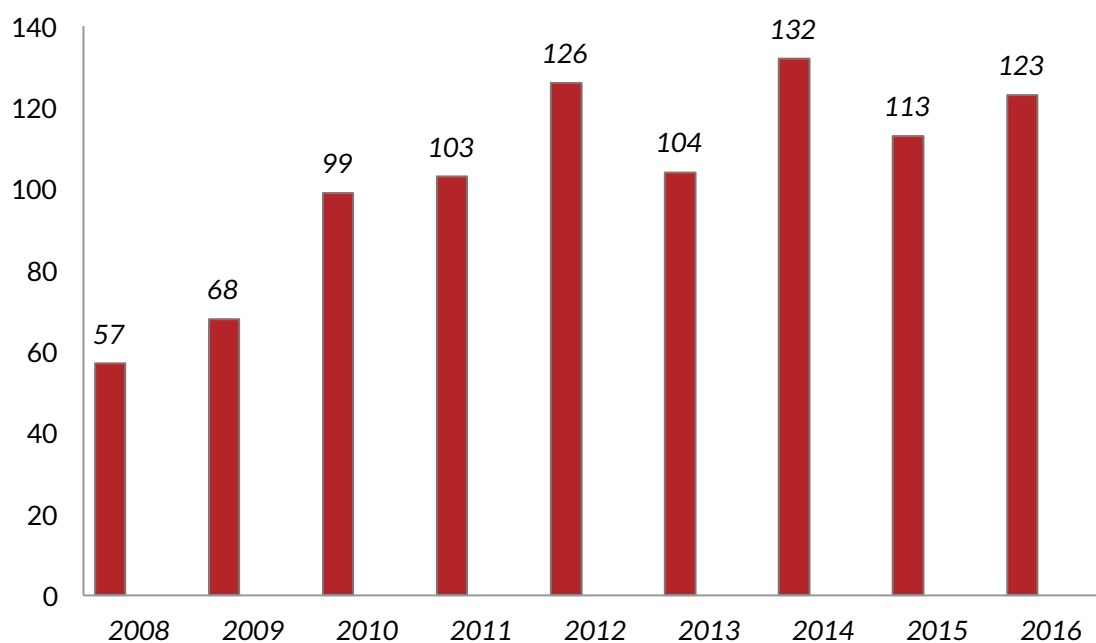
Fonte: NOGUEIRA, Sayonara N. B. 07/01/2017 com dados da TGEU.

Gráfico 07: Assassinatos por países de 1 de janeiro de 2008 a 30 de setembro de 2016



Fonte: NOGUEIRA, Sayonara N. B. 07/01/2017 com dados da TGEU.

Gráfico 8: Assassinatos de pessoas trans no Brasil de 1 de janeiro a 2008 e 30 de setembro de 2016



Fonte: NOGUEIRA, Sayonara N. B. 07/01/2017 com dados da TGEU.

“É importante observar que estes casos são aqueles que podem ser encontrados por meio de pesquisas na Internet e cooperação com organizações e ativistas trans. Na maior parte dos países, dados sobre as pessoas trans e gênero-diversas mortas não são produzidas sistematicamente, e é impossível estimar o número de casos não notificados. Estes números mostram apenas a ponta do iceberg em relação ao número de homicídios de pessoas tran e gênero-diversas em todo o mundo”
(TGEU, 2016).

Para a demonstração dos dados sobre os assassinatos das pessoas trans no Brasil, utilizaremos o termo PESSOAS TRANS. Não haverá a diferenciação entre travesti e transexual, pois foi perceptível durante a coleta anual a maneira que a imprensa trata os significados das duas identidades. *Transexual* é termo que surge para medicalizar determinada parcela dessa população, enquanto a *travesti* ainda está ligada a marginalidade, havendo desta maneira um processo de separação higienista.

Segundo Nakamura (2016), muitas pessoas ainda usam o termo transexual, e é necessário estudar os sufixos das palavras. Por exemplo, antes era usado o termo *homossexualISMO*, mas “ISMO” geralmente identifica ideologia, religião, esporte e, na medicina, indica patologia, doença. E é claro homossexualidade não é doença. Logo, é usado homossexualidade. Estudando estes sufixos podemos parar para pensar: não se define a orientação sexual, por exemplo, como homossexual, heterossexual ou transexual? Nota-se que não faz sentido você incluir a palavra transexual nessa lista porque não se refere a uma orientação sexual, e sim identidade de gênero. O termo *transgênero* engloba a sua identidade e não o que você gosta. Na América do Norte e Europa utiliza-se o termo *transgender* (transgênero).

Podemos observar esses eventos nas notícias abaixo:



Larissa foi morta a tiros e largada na sarjeta em bairro de SP
Reprodução

Lidar com assassinatos não é para qualquer um. Mas existe uma grande diferença entre ver uma pessoa morta e uma pessoa morrendo.

E foi isso que aconteceu na frente de uma dezena de pessoas por volta das 20h desta quinta-feira (15), na rua General Jardim, região central de São Paulo, ao presenciar uma travesti baleada jogada na calçada, com uma marca de bala no abdômen, de onde escorria um fio de sangue que desembocava na valeta.

Tiros foram ouvidos. A dois quarteirões, uma viatura e alguns policiais estavam parados. Mas o som não chegou até lá. Em volta do corpo, cerca de cinco pessoas. Um jovem contava que viu a vítima ser lançada para fora de um carro modelo Fox, na cor cinza. No susto, correu, junto com uma senhora. Na volta, a travesti, Larissa, jazia alternando o

movimento do peito entre suspiros fracos e outros que eram como tentar voltar à vida.

<http://noticias.r7.com/sao-paulo/mulher-trans-e-morta-no-meio-da-rua-no-centro-de-sp-19092016>

A notícia acima se refere à Larissa que foi baleada no meio da rua na região central de São Paulo, e publicada pelo Portal R7, enquanto uma mulher trans, uma das poucas matérias veiculadas que respeitaram o gênero feminino da vítima e sua identidade de gênero.

É evidente que no Brasil a transfobia mata. Dessa forma é muito importante que as pessoas trans possam fazer uso de leis que protejam o seu gênero, tendo em vista a situação de violência extrema a que são expostas.

A matéria abaixo demonstra o assassinato de uma travesti ocorrido no município de Luís Eduardo Magalhães, na Bahia, e desrespeitada conforme seu gênero, e assim pergunta-se: Qual critério que a imprensa utiliza para definir se a pessoa é transexual ou travesti?

TRAVESTI É ESPANCADO ATÉ A MORTE EM LUIS EDUARDO MAGALHÃES

Postado por segunda-feira, julho 25, 2016 by Fernando Pop



<http://www.fernandopop.com/2016/07/travesti-e-espncado-ate-morte-em-luis.html>

O CRATO DO MEDO E DA MORTE

12/18/2016 01:41:00 PM [No comments](#)

Homem e encontrado morto dentro de cemitério no Crato Foi no Sitio serraria distrito de bela vista crato foi Encontrado o corpo de um rapaz dentro de um cemitério foi identificado apenas por Beto ele foi morto a pedradas.



<http://blogdogeso.blogspot.com.br/2016/12/homem-e-encontrado-morto-dentro-de.html>

Já a vítima acima foi notificada como homossexual tanto pela imprensa quanto por outras organizações que fazem o mapeamento de assassinatos no país. E ao analisar a foto da pessoa acima, encontrada morta dentro de um cemitério e morta a pedradas, percebemos seu gênero feminino pelas próprias roupas que usava na hora da morte.

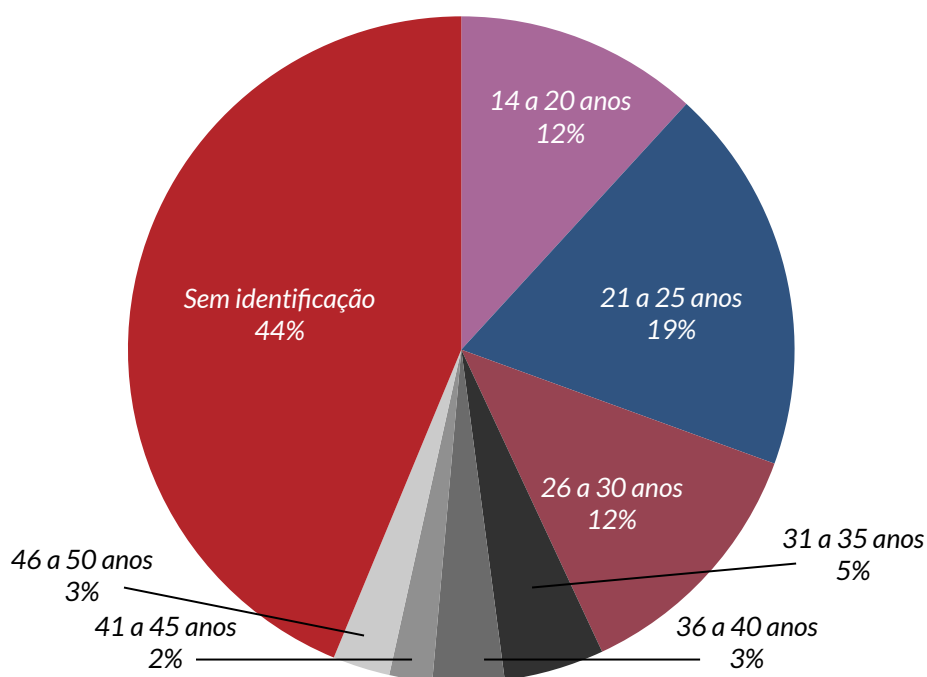
O primeiro dado a ser analisado refere-se à idade das vítimas:

Tabela 7: Idade das vítimas

Idade	Total
14 a 20 anos	17
21 a 25 anos	27
26 a 30 anos	18
31 a 35 anos	7
36 a 40 anos	5
41 a 45 anos	3
46 a 50 anos	4
Sem Identificação	63

Fonte: CABRAL, Euclides A. 24/12/2016

Gráfico 9: Idade das vítimas



Fonte: CABRAL, Euclides A. 24/12/2016

De acordo com pesquisa do IBGE de 2013, a expectativa de vida desse grupo social não passa dos 35 anos, menos da metade da média nacional de 74,9 anos da população em geral. A Comissão Interamericana de Direitos Humanos denunciou também que a expectativa de vida das pessoas transexuais na América Latina é de 35 anos. Segundo o relatório “Registro de Violência”, um grande número de mulheres trans são assassinadas. Já os homens trans são vítimas de violência principalmente na própria família.

Ao somarmos as três primeiras categorias da tabela sobre a idade das vítimas, percebemos que 44% das pessoas encontradas têm menos de 30 anos de idade, sendo que 43% não foram identificadas, pois a vítima na hora não portava documentos. O que assusta foram os três casos envolvendo pessoas trans com menos de 16 anos e mortas de forma fria e cruel.



M. M. de 16 anos, encontrada morta com golpes de caibro em Sinop – MT no dia 20/03/2016.



Luana Biersack de 14 anos, morta por afogamento, mas antes seus assassinos tiveram relação sexual com ela e posteriormente agredida com chutes e socos em Novo Itacolomi, no Paraná em 23 de abril de 2016.



Pamela, 16 anos, levou 05 tiros em Conceição do Jacuipe, na Bahia em 09 de setembro de 2016.

O próximo dado a ser analisado refere-se ao tipo de arma e/ou violência utilizado para tirar a vida da vítima. Segundo Seffner e Passos (2016), os crimes contra a vida dessas pessoas costumam apresentar requintes de crueldade. Quando ocorrem, as agressões costumam ser

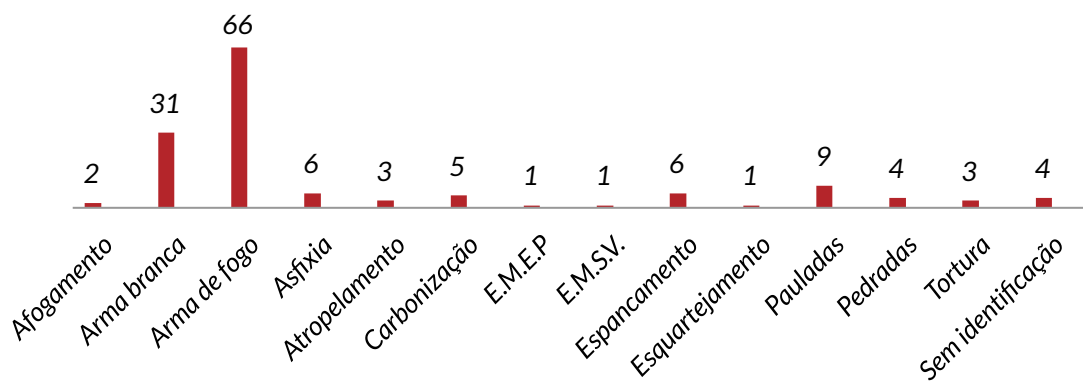
múltiplas, através da utilização de instrumentos que permitem diversas investidas antes da efetiva morte de suas vítimas, sendo tais atos muitas vezes concentrados na região da face e nos órgãos genitais. A violência e a opressão surgem assim como elementos absolutamente presentes no que é dito e vivido por esse grupo.

Tabela 8: Causa de morte

Causa de morte	Total
Afogamento	2
Arma branca	31
Arma de fogo	66
Asfixia	6
Atropelamento	3
Carbonização	5
Encontrada morta em estado de putrefação	1
Encontrada morta sem sinais de violência	1
Espancamento	6
Esquartejamento	1
Pauladas	9
Pedradas	4
Tortura	3
Sem identificação	4

Fonte: CABRAL, Euclides A. 24/12/2016

Gráfico 10: Causa de morte



Fonte: CABRAL, Euclides A. 27/12/2016

Conforme os dados acima se observa um grande número de arma de fogo nos homicídios, seguido de arma branca (faca, facão, foice) e pauladas. Em alguns casos houve a combinação de várias armas e tipos de violência para matar a vítima conforme os casos aqui assinalados.

Cicarelli, 36 anos, levou 20 facadas, pedradas e teve uma orelha arrancada em João Pessoa na Paraíba no dia 16 de fevereiro de 2016.



<http://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2016/02/corpo-de-travesti-morta-facadas-e-encontrado-em-joao-pessoa.html>

A segunda vítima ilustrada é Tiffany Rodrigues, cabelereira, de 23 anos, vítima de uma tentativa de homicídio em janeiro de 2016. Em 8 de agosto de 2016, após ser torturada, ter seus órgãos genitais queimadas com cigarro, foi estrangulada até a morte.



<http://g1.globo.com/mato-grosso/noticia/2016/08/travesti-e-achada-morta-com-sinais-de-enforcamento-em-cidade-de-mt.html>

Os dados abaixo demonstram os Estados com maior índice de assassinatos, com destaque para São Paulo com 18 casos, Rio de Janeiro com 12 casos, Rio Grande do Sul com 12 casos, Paraná com 11 casos, Goiás e Minas Gerais empatados apresentaram 09 assassinatos.

Tabela 9: Estados com ocorrência de assassinatos

Estados	Total
São Paulo	18
Rio de Janeiro	13
Rio Grande do Sul	12
Paraná	11
Goiás	9
Minas Gerais	9
Amazonas	8
Bahia	8
Minas Gerais	9
Ceará	6
Paraíba	6
Pernambuco	6
Rio Grande do Norte	6
Sergipe	5
Alagoas	4
Maranhão	4
Mato Grosso	3
Pará	3
Distrito Federal	2
Mato Grosso do Sul	2
Acre	1
Amapá	1
Espirito Santo	1
Piauí	1
Santa Catarina	1
Tocantins	1

Fonte: CABRAL, Euclides A. 27/12/2016

Durante a catalogação, localizamos ainda três pessoas trans assassinadas brasileiras fora do país e notificadas aqui através de informações repassadas por ativistas que residem na Europa, sendo duas vítimas na Itália e uma na Espanha, todas profissionais do sexo.

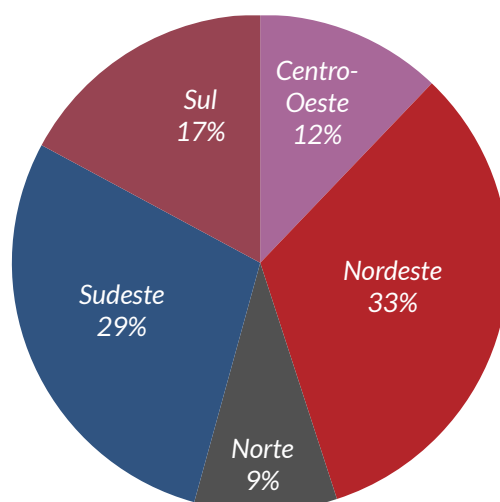
A tabela abaixo demonstra o índice de assassinatos por região:

Tabela 10: Regiões com maior ocorrência de assassinatos

Regiões	Total
Centro-oeste	17
Nordeste	46
Norte	13
Sudeste	41
Sul	24

Fonte: CABRAL, Euclides A. 27/12/2016

Gráfico 11: Regiões com maior ocorrência de assassinatos



Fonte: CABRAL, Euclides A. 27/12/2016

Assim, temos a região Nordeste com o maior número de assassinatos, cerca de 33% dos casos, seguido da região Sudeste com 29%, a região Sul com 17% dos casos, a região Centro-Oeste com 12% e por último a região Norte com 9% dos casos.

O próximo dado a ser analisado refere-se ao local de morte destas vítimas, conforme demonstrado na tabela abaixo:

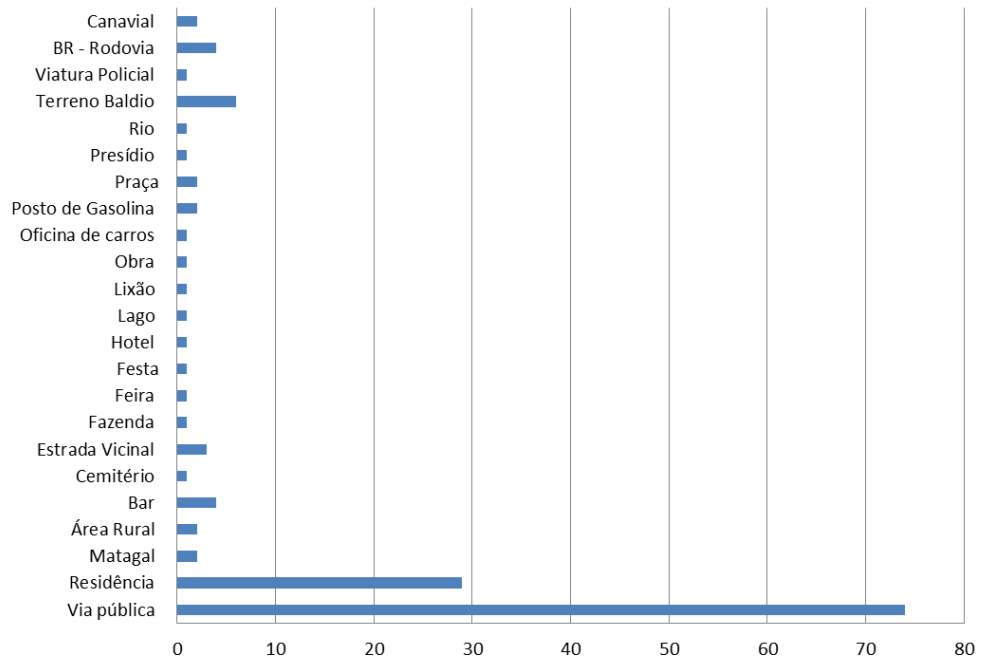
Tabela 11: Local de morte das vítimas

Local	Total
Via pública	74
Residência	29
Matagal	2
Área Rural	2
Bar	4
Cemitério	1
Estrada Vicinal	3
Fazenda	1
Feira	1
Festa	1
Hotel	1
Lago	1
Lixão	1
Obra	1
Oficina de carros	1
Posto de Gasolina	2
Praça	2
Presídio	1
Rio	1
Terreno Baldio	6
Viatura Policial	1
BR - Rodovia	4
Canavial	2

Fonte: CABRAL, Euclides A. 27/12/2016

Destaca-se assim o grande número de assassinatos que ocorreram em via pública, cerca de 74 dos casos, sendo que 29 das mortes aconteceram na própria residência da vítima.

Gráfico 12: Local dos assassinatos



Fonte: CABRAL, Euclides A. 27/12/2016

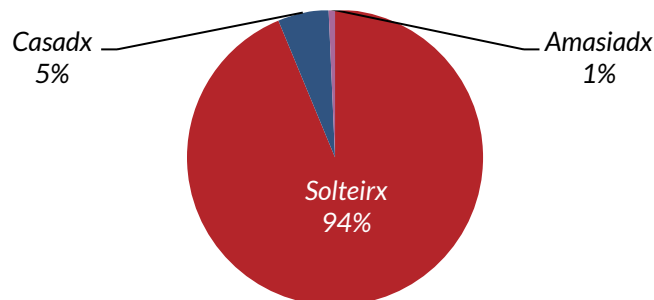
Os dados abaixo se referem ao estado civil das vítimas, sendo que a maioria absoluta, 94% das vítimas são solteirxs.

Tabela 12: Estado Civil

Estado Civil	Total
Solteirx	135
Casadx	8
Amasiadx	1

Fonte: CABRAL, Euclides A. 27/12/2016

Gráfico 13: Estado Civil



Fonte: CABRAL, Euclides A. 27/12/2016

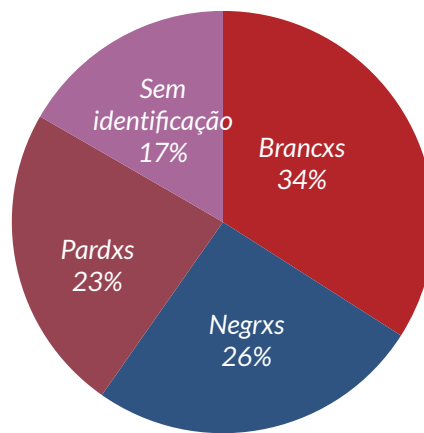
Em relação a cor das vítimas temos:

Tabela 13: Cor das vítimas

Cor	Total
Brancx	49
Negrx	37
Pardx	34
Sem identificação	24

Fonte: CABRAL, Euclides A. 27/12/2016

Gráfico 14: Cor das vítimas



Fonte: CABRAL, Euclides A. 27/12/2016

Conclui-se que 34% das vítimas são brancas, seguidas das pessoas negras com 26% e pardas com 24%. Em relação à profissão das vítimas temos os seguintes dados abaixo demonstrando que a maioria 73 dos casos são pessoas profissionais do sexo, seguido de cabeleireirxs com 19 casos e 31 sem identificação por parte da imprensa.

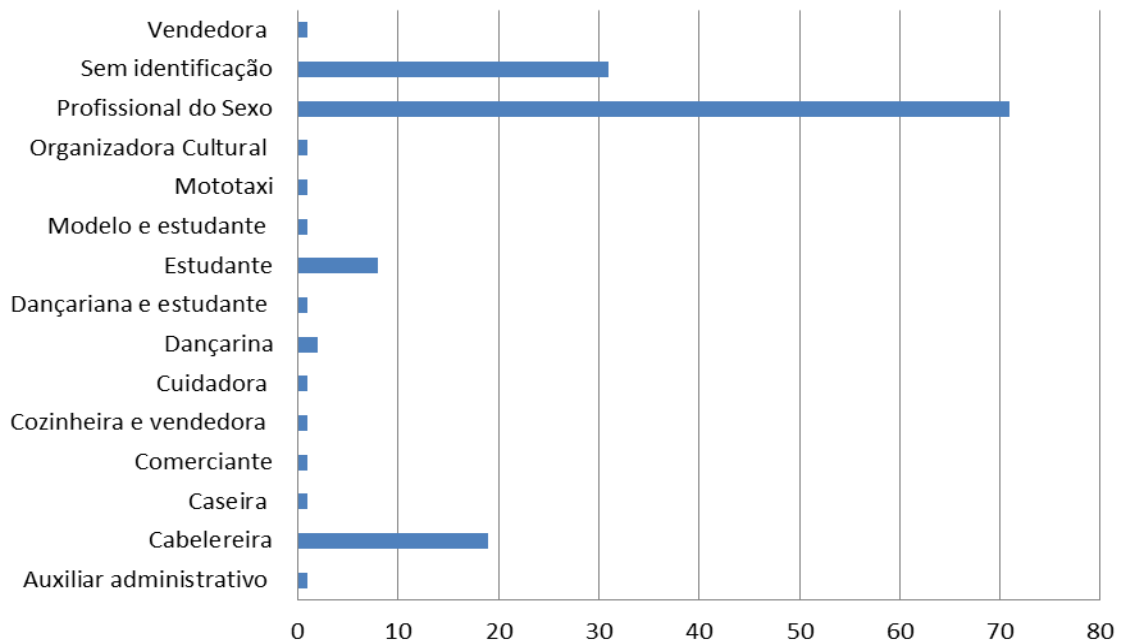
Tabela 14: Profissão das vítimas

Profissão da vítima	Total
Auxiliar administrativo	19
Caseira	1
Comerciante	1
Cozinheira e vendedora	1
Cuidadora	1
Dançarina	2
Dançarina e estudante	1

Estudante	8
Modelo e estudante	1
Mototaxi	1
Organizadora Cultural	1
Profissional do Sexo	73
Vendedorx	1
Sem identificação	32

Fonte: CABRAL, Euclides A. 27/12/2016

Gráfico 15: Profissão das vítimas



Fonte: CABRAL, Euclides A. 27/12/2016

Os próximos dados referem-se a relação do assassinx com a vítima, conforme os dados abaixo:

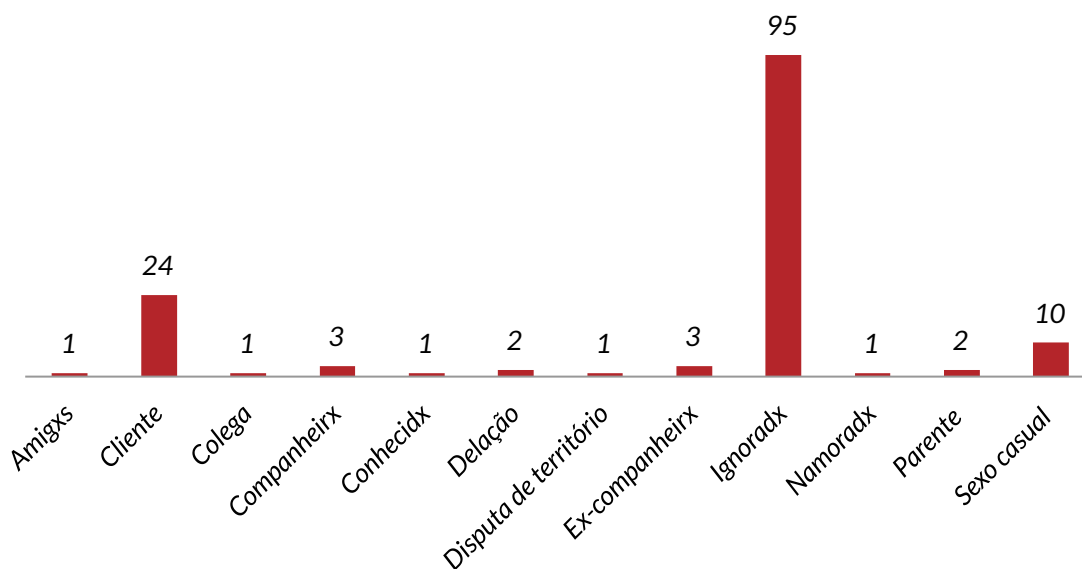
Tabela 15: Relação da vítima com x assassinx

Relação da vítima	Total
Amigx(s)	1
Cliente(s)	24
Colega(s)	1
Companheirx(s)	3
Conhecidx(s)	1
Delação	2

Disputa de território	1
Ex-companheirx(s)	3
Namoradx(s)	1
Parente(s)	2
Sexo casual	10
Não relatado	95

Fonte: CABRAL, Euclides A. 27/12/2016

Gráfico 16: Ligação da vítima com x assassinx



Fonte: CABRAL, Euclides A. 27/12/2016

Analisando estes dados acima, 94 casos das matérias veiculadas não traziam a ligação dx assassinx com a vítima, apenas mencionava que o crime estava sendo investigado, em seguida temos em segundo lugar, o próprio cliente que contrata o serviço da pessoa trans profissional do sexo e terceiro lugar sexo casual.

Em relação à identidade das vítimas, temos dos 143 assassinatos reportados no site da Rede Trans Brasil, o homicídio de 10 homens trans, sendo que dos 10 casos apenas 02 reportados conforme a identidade masculina e os outros 08 como mulheres. Além dos homicídios dos homens trans que são mais invisibilizados, tem-se ainda que esta parcela da população são vitimas constante de estupros e de violência doméstica.

Segundo Barbosa (2010), muitas das pessoas trans não tem pra onde ir, muitas vezes se abrigando na casa de alguma colega ou alugando um quarto de pensão. Essa saída de casa se dá por vontade própria ou por expulsão, sendo o último motivo mais corrente.

A reação social a essa afronta à “decência” e aos “bons costumes” pode ser ressaltada no relato de várias pessoas trans, onde a escola não xs aceita, o mercado de trabalho formal xs discrimina e a prostituição acaba se tornando, praticamente, a única alternativa de sobrevivência. Assim, “expulsxs da vida” acabam tendo como alternativa de sobrevivência os disputados espaços de prostituição nas ruas.

De acordo com Barbosa (2010), a construção da pessoa trans está relacionada à questão do espaço social, que é visto como um território onde diversas relações são estabelecidas. Os locais de prostituição desta parcela da população não são legitimados somente como locais de aferição de renda, mas de sociabilidade e de aprendizado, enquanto condição para a instituição de uma identidade grupal, auxiliando no processo de montagem do corpo, como observamos as mortes por aplicação de silicone industrial.

Ainda para Barbosa (2010), no universo da prostituição a meta diária é a sobrevivência, pois a rua caracteriza-se por ser um local cheio de incertezas e armadilhas. De forma geral as pessoas trans são marcadxs por uma enorme porção de medo e de insegurança em virtude dos riscos de apedrejamento da “vitrine”, onde exibem seus corpos.

A aproximação entre atores que trabalham na rua pode ser analisada uma forma de segurança e de sobrevivência às diferentes intempéries, bem como de manutenção de redes e manutenção do poder local, pois o espaço que de longe parece ser homogêneo, na verdade é bastante heterogêneo, em virtude da formação de diferentes redes, o que pode gerar uma grande instabilidade e constantes disputas de poder (BARBOSA, 2010).

De acordo com Carrara e Viana (2006), nos assassinatos das pessoas trans, o procedimento usual registrado nos inquéritos é o de apurar informações sobre a vítima em zonas morais que seriam frequentadas por outras pessoas trans, redundando em resultados negativos. A baixa resolução dos casos parece ser condicionada por um conjunto de fatores, entre os quais gênero e classe social, que se combina para colocar as pessoas trans entre os grupos socialmente mais desfavorecidxs.

Nas execuções de pessoas trans, tem-se a evocação de uma imagem da desordem urbana, em que o duplo desvio sexual (travestilidade, transexualidade e prostituição) surge conectado à pobreza, ao tráfico e às favelas. Pessoas trans acabam sendo assassinadxs sem que muito se faça para esclarecer o caso (CARRARA; VIANA, 2006).

A indiferença policial na apuração da maior parte desses crimes parece encontrar eco nas representações negativas das pessoas trans como homossexuais especialmente desajustados, de modo que sua morte, em geral em idade bem inferior do que a das vítimas de latrocínio, tende a ser tomada por policiais como consequência de um modo de vida constantemente próximo da ilegalidade e que é recebida com poucas pressões, sobretudo familiares, por sua apuração e por justiça (CARRARA; VIANA, 2006).

O significado da vida para as pessoas trans, frente à presença diária do risco da morte, é da magnitude do presente e poucos planos futuros. O envelhecimento e o cuidado de si para o futuro não fazem parte das expectativas deste segmento. No Brasil, as pessoas trans em atividade de prostituição são as mais vulneráveis. As pequenas chances de sobrevivência econômica colocam grande parte delas no exercício da atividade comercial sexual, o que as torna alvo de maior risco de morte.

Enquanto a sociedade não reconhecer a identidade de gênero das pessoas trans, estas ainda serão marginalizadxs e vitimizadxs. Importante reafirmar a universalidade dos Direitos Humanos, comprovando a necessidade de ações afirmativas específicas a essa população nas diferentes políticas públicas, dentre as quais a política de segurança pública. O exercício da cidadania plena é fundamentado na universalidade, indivisibilidade e interdependência dos Direitos Humanos.

O Estado necessita intervir de forma a, em primeiro plano, diminuir a violenta discriminação sofrida por essas pessoas e oferecer a elas condições dignas de educação, trabalho, habitação e vida. O princípio da dignidade da pessoa humana e os direitos da personalidade garantem o direito à integridade física e moral, à privacidade e ao próprio corpo. Exige-se, deste modo, ação estatal para que esta população possa de fato usufruir desses direitos garantidos na Declaração Universal dos Direitos Humanos e na Constituição Federal.

*“Cada um sabe a dor e a delícia de ser o que é
Não me olhe como se a polícia andasse atrás de mim...”*

Caetano Veloso

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A GAMBIARRA. Onde estavam as travestis e homossexuais durante a Ditadura? A Gambiarra, 21/03/2016. Disponível em www.agambiarra.com/onde-estavam-travestis-e-homossexuais-durante-ditadura. Acesso em 10 dez. 2016.

ALMEIDA, G. & MURTA, D. Reflexões sobre a possibilidade da despatologização da transexualidade e a necessidade da assistência integral à saúde de transexuais no Brasil. *Sex salud soc* 2013; 14:380-407.

ANDRADE, Daniela. Transexualidade e suicídio. Fora do armário: LGBT, secularista e humanista, mai. 2013. Disponível em www.foradoarmario.net/2013/05/transexualidade-e-suicidio-um-alerta-de.html. Acesso em 19 dez. 2016.

BARBOSA, Ana C. S. & PIMENTEL, Ivan I. A questão da identidade travesti e a construção do espaço simbólico na Avenida Augusto Severo, Bairro da Glória – RJ. Anais XVI Encontro Nacional de Geógrafos. Crise, práxis e autonomia: espaços de resistência e de esperanças. Espaços de Diálogos e Práticas, 25 a 31 de julho de 2010, Porto Alegre.

BARBOSA, Talita. O desrespeito a identidade de gênero no jornalismo brasileiro. *Blogueiras Feministas*, 13/07/2015. Disponível em blogueirasfeministas.com/2015/07/o-desrespeito-a-identidade-de-genero-no-jornalismo-brasileiro. Acesso em 07 jan. 2017.

BENEDETTI, Marcos. *Toda Feita: o corpo e o gênero das travestis*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

BRASIL. Constituição Federal de 1988. Brasília: Senado, 1988.

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria nº 2.836, de 1º de Dezembro de 2011. Institui, no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS), a Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays,

Bissexuais, Travestis e Transexuais (Política Nacional de Saúde Integral LGBT). Disponível em bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2011/prt2836_01_12_2011.html. Acesso em 05 jan. 2017.

BRASIL. Secretaria de Direitos Humanos. Relatório sobre violência homofóbica no Brasil: ano de 2012. Disponível em www.sdh.gov.br/assuntos/lgbt/pdf/relatorio-violencia-homofobica-ano-2012. Acesso em 10 fev. 2016.

CARRARA, Sérgio; VIANNA, Adriana R. B. Tá lá o corpo estendido no chão...: a violência letal contra travestis no município do Rio de Janeiro. *Physis* vol.16 no.2 Rio de Janeiro 2006. www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73312006000200006

FOSTER, Gustavo. Cis, trans, pan, intersexual: entenda os termos de identidade e orientação sexual. *ZH Vida e Estilo*, 31/03/2015. Disponível em zh.clicrbs.com.br/rs/vida-e-estilo/noticia/2015/03/cis-trans-pan-intersexual-entenda-os-termos-de-identidade-e-orientacao-sexual-4730566.html. Acesso em 10 dez. 2016.

FRANÇA, Rebecka de. Travestilidade na educação: uma perspectiva do olhar docente no âmbito do “PIBID” em diferentes cidades brasileiras. Instituto Federal do Rio Grande do Norte, Licenciatura em Geografia, mimeo, 2016.

JESUS, Jaqueline Gomes de. Orientações sobre a população transgênero: conceitos e termos. Brasília, 2012. Disponível em pt.scribd.com/doc/87846526/Orientacoes-sobre-Identidade-de-Genero-Conceitos-e-Termos. Acesso em 15 mar. 2016.

LA GATA, Carla, & BERREDO, Lukas. Informe anual del TMM 2016: 2.190 asesinatos son sólo la punta del iceberg: una introducción al proyecto Observatorio de Personas Trans Asesinadas. TGEU. Disponível em www.transrespect.org/wp-content/uploads/2016/11/TvT-PS-Vol15-2016.pdf. Acesso em 08 jan. 2017.

LOHANNE, Lindsay. Identidades, Gênero e Diversidade Sexual. *Magazine Transgêneros*, 22 de julho de 2015. Disponível em transconnection.wordpress.com/2015/07/22/identidades-genero-e-diversidade-sexual. Acesso em 25 nov. 2016.

LUCON, Neto. Mais da metade dos assassinatos transfóbicos são contra profissionais do sexo, diz pesquisa. NetoLucon, dez. 2016. Disponível em www.nlucon.com/2016/12/mais-da-metade-dos-assassinatos.html. Acesso em 23 dez. 2016.

LUCON, Neto. Novo relatório da TGEU reafirma que Brasil é o país que mais mata pessoas trans no mundo. NetoLucon, nov. 2016. Disponível em www.nlucon.com/2016/11/novo-relatorio-da-tgeu-reafirma-que.html. Acesso em 08 jan. 2017.

LUCON, Neto. Presas, espancadas e mortas: relatos de travestis sobre a Ditadura Militar. NetoLucon, out. 2016. Disponível em www.nlucon.com/2016/10/presas-espancadas-e-mortas-relatos-de.html. Acesso em 16 nov. 2016.

LUCON, Neto. Rede Trans contabiliza pela 1ª vez mortes por transfobia e pedirá intervenção de órgãos internacionais. NetoLucon, nov. 2016. Disponível em www.nlucon.com/2016/11/rede-trans-contabiliza-pela-1-vez.html. Acesso em 08 dez. 2017.

LUCON, Neto. Suicídio entre a população trans é tema de Seminário em São Paulo. NetoLucon, abr. 2016. Disponível em www.nlucon.com/2016/04/suicidio-entre-populacao-trans-e-tema.html. Acesso em 21 dez. 2016.

LUCON, Neto. Travestis e transexuais não são respeitadas pela imprensa nem após a morte. NetoLucon, out. 2014. Disponível em www.nlucon.com/2014/10/travestis-e-transexuais-nao-sao.html. Acesso em 05 jan. 2017.

LUDIASBH. O silicone industrial é um perigo. Vírus da Arte & Cia, out. 2015. Disponível em virusdaarte.net/amor-a-vida-o-silicone-industrial. Acesso em 07 jan. 2017.

MANACORDA, M, A. História da Educação: da Antiguidade aos nossos dias. São Paulo: Cortez, 2002.

MELLO, L., PERILO, M., BRAZ, C.A., & PEDROSA, C. Políticas de saúde para lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais no Brasil: em busca de universalidade, integralidade e equidade. *Sex salud soc* 2011; 9:7-28.

MORGAN, T. H. Sex-limited inheritance in *Drosophila*, *Science*, 1910, 32: 120-122.

MUNDO T-GIRL. Disponível em www.facebook.com/groups/MundoT. Acesso em 22 dez. 2016.

NAKAMURA, Daniel. Identidade de Gênero e Visibilidade Trans. Disponível em www.youtube.com/watch?v=-77uwLCqC78. Acesso em 08 jan. 2017.

OLIVEIRA, Francine. Pessoas transgênero têm maior probabilidade de cometer suicídio. *Blasting News*, 03/10/2016. Disponível em br.blastingnews.com/sociedade-opiniao/2016/10/pessoas-

transgenero-tem-maior-probabilidade-de-cometer-suicidio-001169961.html. Acesso em 22 dez. 2016.

PORCINO, Carlos. A “dor da beleza”: silicone industrial e hormônios na (re)invenção do corpo da travesti, s.d. Disponível em www.campopsicanalitico.com.br/media/1022/a-dor-da-beleza-silicone-industrial-e-hormonios-na-reinvencao-do-corpo-da-travesti.pdf. Acesso em 07 jan. 2017.

PRADO FILHO, Kleber, & TETI, Marcela M. A cartografia como método para as ciências humanas e sociais. *Barbarói*, Santa Cruz do Sul, n.38, p.<45-59>, jan./jun. 2013. Disponível em online.unisc.br/seer/index.php/barbaroi/article/view/2471. Acesso em 10 nov. 2016.

REDE MOBILIZADORES. Preconceito e violência são maiores contra pessoas transexuais e travestis. 13/10/2015. Disponível em www.mobilizadores.org.br/entrevistas/preconceito-e-violencia-sao-maiores-contrapessoas-transexuais-e-travestis. Acesso em 20 dez. 2016.

REDE TRANS BRASIL. Disponível em <http://redetransbrasil.org>. Acesso em 31 dez. 2016.

REVISTA LADO A. O uso do x na supressão de gênero na Educação. *Revista Lado A*, 23/03/2016. Disponível em revistaladoa.com.br/2016/03/noticias/uso-x-na-supressao-genero-na-educacao#ixzz4V4qm0tDu. Acesso em 07 jan. 2017.

SEFFNER, Fernando; PASSOS, Amilton G. da S. Uma galeria para travestis, gays e seus maridos: Forças discursivas na geração de um acontecimento prisional. *Sex., Salud Soc. (Rio J.)* no.23 Rio de Janeiro May/Aug. 2016.

SILVA, Joseli Maria. A Cidade dos Corpos Transgressores da Heteronormatividade. Em: Silva, J.M. (Org.). *Geografias Subversivas: discursos sobre espaço, gênero e sexualidade*. Ponta Grossa: Editora Toda Palavra, 2009.

SILVA, Mariana da. A vida profissional de travestis: da marginalização à inserção no mercado de trabalho formal. Trabalho de Conclusão de Curso. 53 fls. (graduação). Curso de Psicologia, Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2012. Disponível em <http://repositorio.ucb.br/jspui/bitstream/10869/4746/1/Mariana%20da%20Silva.pdf>. Acesso em 10 mar. 2016.

TGEU. Projeto de investigação TvT (2016). Observatório de Pessoas Trans Assassinadas (TMM). *Transrespect versus Transphobia Worldwide (TvT) project*. Disponível em <http://www.transrespect.org/en/research/trans-murder-monitoring>. Acesso em 07 jan. 2017.

TGEU. Dia Internacional contra a Homofobia, Transfobia e Bifobia (IDAHOT). Comunicado de Imprensa. Already 100 reported murders of trans people in 2016. Disponível em <http://transrespect.org/en/idahot-2016-tmm-update>. Acesso em 07 jan. 2017.

TRAVESTIS E TRANSEXUAIS BRASILEIRAS. Disponível em <https://www.facebook.com/TRAVESTISETRANSEXUAISbrasileiras>. Acesso em 07 jan. 2017.





www.redetransbrasil.org